

Carlos Luiz • César S. Santos • Ery Lopes •
Luís Jorge Lira Neto • Wanderlei dos Santos

Religião e Espiritismo

ANÁLISE DE NOVAS FONTES DE INFORMAÇÕES



Autores Espíritos Clássicos



GRUPO MARCOS
Juventude Espírita

LUZ ESPÍRITA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Religião e Espiritismo
Análise de novas fontes de informações

Carlos Luiz

César S. Santos

Ery Lopes

Luís Jorge Lira Neto

Wanderlei dos Santos

1ª edição

São Paulo, 2021

Distribuição gratuita:

Autores Espíritas Clássicos

Grupo Marcos

Portal Luz Espírita



Religião e Espiritismo

**ANÁLISE DE NOVAS FONTES DE
INFORMAÇÕES**

*Carlos Luiz
César S. Santos
Ery Lopes
Luís Jorge Lira Neto
Wanderlei dos Santos*

São Paulo, 2021



Índice

APRESENTAÇÃO, os editores – pág. 5

ESTUDO DAS RELIGIÕES

Notas manuscritas de Allan Kardec – pág. 15

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita:
Introdução – pág. 17

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita
(continuação, parte 2): **Influência do espiritismo para a
destruição da incredulidade** – pág. 26

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita
(continuação): **Liberdade de consciência** – pág. 31

ÉTUDE DES RELIGIONS – pág. 37

ANEXOS

A religião e o Espiritismo, P. Verdad-Lessard – pág. 60

La religion et le Spiritisme, P. Verdad-Lessard – pág. 65

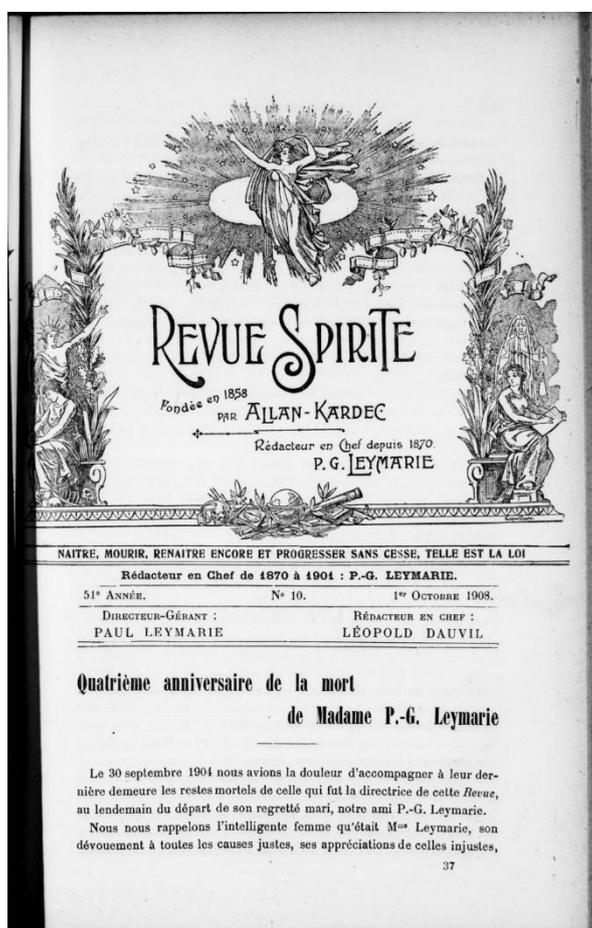
Análise textual dos documentos, Luís Jorge Lira Neto – pág. 70

O perfil religioso de Kardec, Carlos Luiz – pág. 114

APRESENTAÇÃO

Oferecemos à comunidade espírita a compilação de uma série de documentos cuja autoria é atribuída a Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, documentos esses publicados no ano de 1908 (portanto, cerca de meio século depois da presumida composição dos referidos textos) na *Revista Espírita* (*Revue Spirite*, no original em francês) então sob a direção geral de Paul Leymarie, tratando essencialmente do tema “religião”, inclusive sendo anunciado como “um estudo” sobre tal tema, quer dizer, uma análise mais apurada. E por que a temática da religiosidade dentro do movimento espírita é assunto recorrente — e não raro envolto de controvérsias e polêmicas — pensamos seja oportuno este trabalho, pelo qual reunimos a compilação dos textos mencionados, sua tradução e mais dois artigos na seção Anexos como apoio interpretativo para os leitores, verificando os documentos e contextualizando o estudo proposto.

Folha de rosto da *Revista Espírita*,
edição de outubro de 1908



O fato histórico

O fato elementar é que na edição de outubro de 1908 da *Revista Espírita*, página 590,¹ é publicado uma nota (“Notas manuscritas de Allan Kardec”) dando conta aos seus leitores que havia sido encontrada uma boa quantidade de manuscritos do Mestre pioneiro espírita, e que dentre esses documentos alguns textos formavam um estudo sucinto sobre as Religiões, estudo esse que aquele jornal se propunha a publicar sob o título *Estudo das Religiões*, dividindo-o em quatro capítulos, sendo o primeiro deles (Introdução) já disposto naquela edição; os capítulos restantes ficariam para as três edições subsequentes.

Parece interessante observarmos que, por alguma razão que não sabemos precisar, os subtítulos do índice apresentado naquele comunicado inicial não correspondem precisamente ao que viria a ser publicado nas edições seguintes do jornal, além de que — estranhamente — a quarta parte do prometido estudo não foi publicado.

Este o índice anunciado:

Estudo das Religiões

I. Introdução

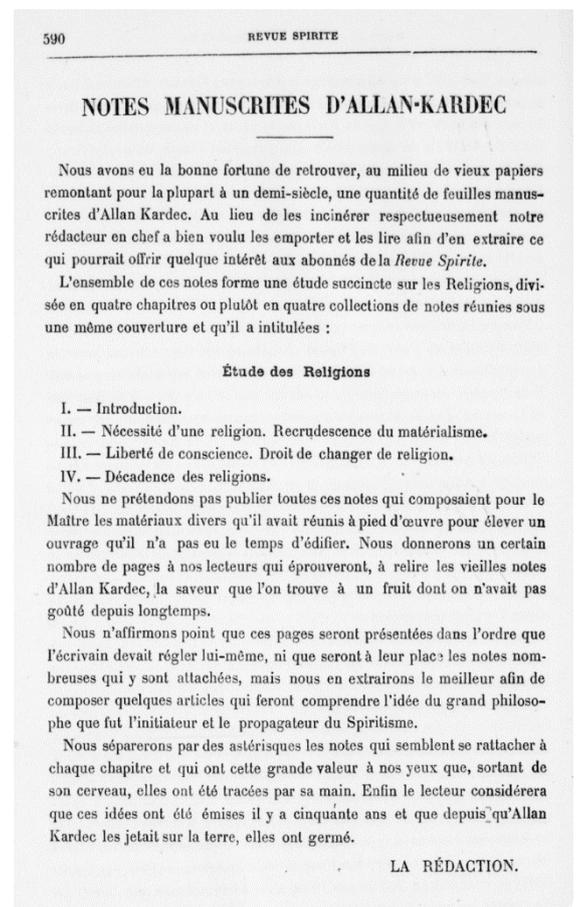
II. Necessidade de uma religião.

Recrudescimento do materialismo.

III. Liberdade de Consciência.

Direito de mudar de religião.

IV. Decadência das religiões.



¹ Disponível online em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2709911r/f14.item> (site oficial da Biblioteca Nacional da França).

O que vai aparecer no periódico é o descrito adiante:

A primeira parte, de fato, consta na mesma edição da nota inicial do estudo, ocupando as páginas de 591 a 596, trazendo o título “Estudo sobre as Religiões comparadas à Filosofia Espírita” (em lugar de “Estudo das Religiões”, como indicado no índice) e o subtítulo “Introdução”.

Ver-se-ia a segunda parte publicada na *Revue Spirite* do mês seguinte, novembro de 1908, entre as páginas 677 e 680,² trazendo, além da inscrição (que seria a da seção) “Notas manuscritas de Allan Kardec, o mesmo título “Estudo sobre as Religiões comparadas à Filosofia Espírita” sinalizado como “(continuação)” e “(2)”, referente à segunda parte, contendo dois tópicos: “Influência do espiritismo para a destruição da incredulidade” e “Necessidade da Religião”, que transcreve uma comunicação assinada por Lamennais seguida por comentários atribuídos a Kardec.

A parte terceira da série vai se figurar na edição posterior da *Revista*, dezembro de 1908,³ entre as páginas 742 e 748, onde se lê a inscrição “Notas manuscritas de Allan Kardec” sinalizada com “(continuação)”, desta vez substituindo o título “Estudo sobre as Religiões comparadas à Filosofia Espírita” por “Liberdade de consciência” (que no índice havia sido posto como um dos tópicos do capítulo), incluindo aí o tópico “Da mudança de religião” (enquanto no índice aparecia como “Direito de mudar de religião”).

Pensamos ser oportuno dizer que este capítulo fora precedido para transcrição de uma correspondência de um leitor da revista (Paul Verdad-Lessard) ao seu diretor-chefe (Paul Leymarie), que recebeu o título “A Religião e o Espiritismo”, tecendo comentários exatamente sobre o estudo oferecido pela *Revista*, de tal maneira

² Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k27099125/f38.item>.

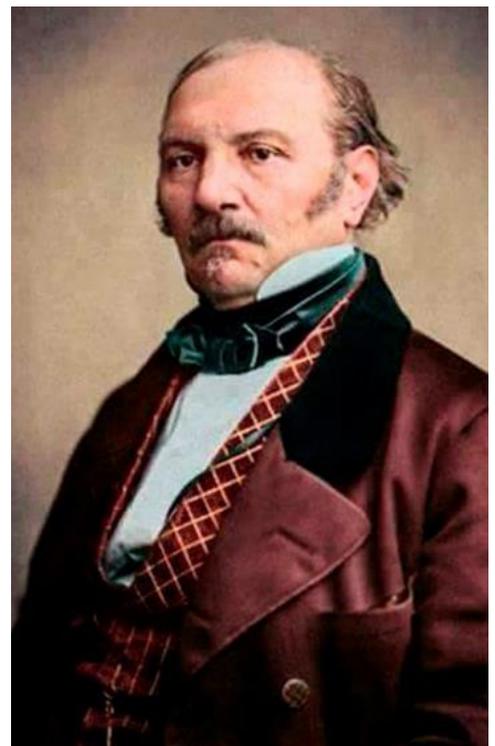
³ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2709913k/f38.item>.

que julgamos por bem incluir esta correspondência neste nosso trabalho, e sobre a qual voltaremos a tratar no artigo com a análise textual dos documentos na seção Anexos deste livro. A carta de Lessard ocupa as páginas numeradas de 739 a 742.⁴

Conquanto a terceira parte termine com a sinalização “(A continuar)”, não encontramos a quarta parte (“Decadência das Religiões”) nem na edição subsequente, de janeiro de 1909, nem nas demais, sem que saibamos o motivo do cancelamento da série.

Pequeno contexto sobre a *Revista Espírita*

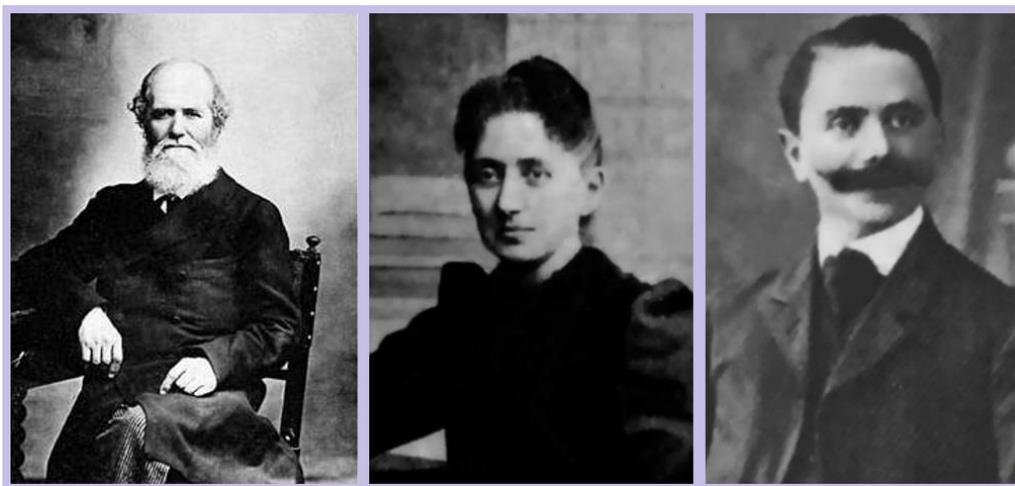
A *Revista Espírita*, de subtítulo *Jornal de Estudos Psicológicos*, foi lançada em 1 de janeiro de 1858 por Allan Kardec, que a editou mensal e ininterruptamente até sua desencarnação em 31 de março de 1869, tendo já deixado pronta a edição do mês seguinte, abril. Em seguida, por decisão da viúva Kardec (Amélie-Gabrielle Boudet) — herdeira legal dos bens e direitos de Kardec — a direção geral foi confiada a Armand Desliens, secretário de Kardec, que a dirigiu até agosto de 1871, quando justificou sua renúncia alegando problemas de saúde; em seu lugar entrou Pierre-Gaëtan Leymarie, membro e médium da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, chancelado pela viúva Kardec. A gestão de Leymarie, no entanto, foi bastante questionada por outras lideranças espíritas (destaque



Allan Kardec (1804-1869)

⁴ Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2709913k/f35.item>.

para Berthe Fropo, Gabriel Delanne, Léon Denis e o casal Sophie e Michel Rosen), especialmente depois da morte de Madame Kardec, ao ponto de se fundar (em 1883) uma nova sociedade — União Espírita Francesa — e um novo jornal — *Le Spiritisme (O Espiritismo)* — para fazer frente à *Revista Espírita* e à **Sociedade Anônima** para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec (entidade que herdou os bens da família Kardec) então dominadas — segundo seus contestadores — com mão-de-ferro por Leymarie e transformadas em bens familiares. Com a morte de Pierre (abril de 1901), a gerência da revista foi assumida pela sua esposa, Marina. Falecida esta, em setembro de 1904, a *Revista* vai parar nas mãos do filho do casal, Paul Leymarie, até que mais tarde (1918) seja adquirida pelo filantropo espírita Jean Meyer.



Família Leymarie: Pierre, sua esposa Marina e o filho Paul

Desde que os Leymarie lhe tomam posse, a *Revista* caiu em suspeita de desvios doutrinários: começou com o escândalo do “Processo dos espíritas” (1875), em que Pierre Leymarie acabou condenado e preso por publicar fotografias mais tarde denunciadas como fraudulentas que simulavam a imagem de Espíritos posando ao lado de pessoas comuns; depois veio uma confusa mistura de conceitos do Espiritismo com a mística doutrina teosófica de

Madame Blavatsky (final dos anos 1870) seguido pela campanha em prol da teoria do Roustainguismo, que propunha ser “a revelação da revelação” da qual a Doutrina Espírita seria nada mais que um mero arauto.

Sob a direção de Paul Leymarie — contexto que excepcionalmente vai nos interessar aqui, posto que é quando o *Estudo das Religiões* será publicado — o que se vê é uma *Revista* destoadada com o movimento espírita, recheada de aleatoriedade, cedendo a um espiritualismo muito eclético e um tanto esotérico, sendo tocada basicamente como um negócio, um jornal qualquer lutando para sobreviver financeiramente, tal como se pode deduzir pela própria apresentação feita para a série que se propôs publicar — e que não completou. Vejamos a seguir. Antes, porém, cabe salientar que não nos passou despercebido o zelo dos herdeiros de Pierre Leymarie em exaltar sua memória nas capas da *Revista*: em todas as edições estava estampada em seu frontispício a inscrição “Redator-chefe desde 1870 P. G. Leymarie” em sequência ao nome do fundador, Allan Kardec, e omitindo o labor de Desliens.



O achado

É o próprio Paul Leymarie — gerente da *Revista Espírita* — que se ocupa de notificar o estudo a ser publicado. Diz ele que “por sorte” foram encontrados, em meio a “um milhão de papéis velhos”, uma quantidade de folhas manuscritas do codificador espírita. Sabemos que Kardec catalogava cuidadosamente uma série de materiais (manuscritos das obras, correspondências e anotações diversas) para compor um acervo histórico e fonte de pesquisa do Espiritismo. Esse material foi guardado por sua esposa a fim de ser futuramente explorado pela Sociedade Espírita. Mais tarde, dirigente daquela entidade, Leymarie fez uso desse material, por exemplo, para a composição do livro *Obras Póstumas* (1890). Ou seja, Paul tinha ali, bem debaixo do seu nariz, um tesouro doutrinário inestimável.

Não vemos de outra forma senão que era com impensável desleixo que tratavam o acervo de Kardec. Continua ele dizendo que “ao invés de queimá-los”, o seu redator-chefe Léopold Dauvil (certamente por ordem do gerente), “respeitosamente”, teve a boa-vontade de os ler a fim de extrair “algum interesse” para os assinantes da *Revista*.

Enfim, esse *Estudo das Religiões* por alguma razão lhe tocou e então se tomou a resolução de publicá-lo, embora mutilado, pois o mesmo gerente dirá que não garantirá que publicará todas as notas nem seguirá a mesma ordem estabelecida pelo autor (Kardec). O ápice desse desleixo será, como já dito aqui,



Léopold Dauvil

a não publicação da quarta parte do prometido estudo.

Tratamento do estudo

Uma vez encontrado o material publicado pela *Revue Spirite* no portal *online* da Biblioteca Nacional da França, providenciamos então a sua transcrição do original em francês, com todo o cuidado para manter a fidelidade desse conteúdo, antepondo-lhe sua tradução para o nosso português, feita e revisada conjuntamente, e não com menos dedicação, estando diretamente envolvidos nesse trabalho: Carlos Luiz, diretor do Grupo Marcos; César S. Santos, presidente do Centre Spirite Chico Xavier de Sherbrooke, Canadá; Ery Lopes, diretor do Portal Luz Espírita; Luís Jorge Lira Neto, pesquisador espírita, membro da Associação Espírita Casa dos Humildes de Recife - PE; e Wanderlei dos Santos, diretor do site Autores Espíritas Clássicos.

Na sequência, a providência primordial foi fazer a análise documental, procurando identificar elementos que apontassem a plausibilidade da autenticação dos textos, já que sua publicação se efetuara por terceiros e não pelo autor (Allan Kardec). Afinal, podemos confiar que essa série de textos seja realmente da autoria de Allan Kardec? — O resultado dessa “perícia” empreendida pode ser conferido no artigo *Análise textual dos documentos*, na seção Anexos deste trabalho.

Por fim, a apuração que fizemos das consequências práticas e proveitos deste material, juntamente com uma ideia do perfil kardequiano a respeito da temática religiosa, considerando a importância e recorrência do tema, está disposto no artigo *Perfil religioso de Kardec*, também na seção Anexos.

O presente tratamento que oferecemos acerca do referido

estudo não tem — obviamente — nada de oficial nem conclusivo, pois que o estudo e a pesquisa são contínuos. A par de nossos apontamentos, o leitor pode muito bem — e deve — desenvolver suas próprias ideias, quiçá com conclusões divergentes, e muito estimamos que outros confrades espíritas se debruçam sobre este material, compartilhem suas deduções e se proponham à livre discussão dessas ideias, posto a relevância do objeto deste estudo.

Que possamos, todos nós, colher bons frutos dos esforços empregados nesse estudo e também melhor contribuir com o entendimento e a divulgação da nossa iluminadora e consoladora doutrina.

Os editores

**ESTUDO
DAS
RELIGIÕES**

NOTAS MANUSCRITAS DE ALLAN-KARDEC

Tivemos a sorte de encontrar, em meio a velhos papéis que em grande parte datam de meio século, uma quantidade de folhas manuscritas de Allan Kardec. Ao invés de lhes incinerar, nosso editor, respeitosamente, dispôs-se a lê-los, a fim de extrair aquilo que deles poderia oferecer algum interesse para os assinantes da *Revista Espírita*.

O conjunto dessas notas forma um estudo sucinto das Religiões, divididos em quatro capítulos, ou melhor, quatro coleções de notas sob uma mesma capa, que ele intitulou:

Estudo das Religiões

I. – Introdução.

II. - Necessidade de uma religião. Recrudescimento do materialismo.

III. - Liberdade de consciência. Direito de mudar de religião.

IV. – Decadência das religiões.

Não pretendemos publicar todas essas notas que compunham para o Mestre os diversos materiais que ele reuniu no entorno do trabalho para levantar uma obra que ele não teve tempo de edificar. Daremos um certo número de páginas aos nossos leitores que experimentarão, ao reler as antigas notas de Allan Kardec, o sabor

que encontramos em uma fruta que não degustávamos desde muito tempo.

Não afirmamos que essas páginas serão apresentadas na ordem que o escritor mesmo teve que estabelecer, nem que estarão em seu lugar as numerosas notas que a elas estão anexadas, mas extrairemos o melhor delas a fim de compor alguns artigos que farão compreender a ideia do grande filósofo que foi o iniciador e propagador do Espiritismo.

Separaremos por asteriscos as notas que parecem se referir à cada capítulo e que têm esse grande valor a nossos olhos que, saindo de seu cérebro, foram traçadas por sua mão. Enfim, o leitor considerará que essas ideias foram emitidas há 50 anos e que desde que Allan Kardec as lançou na terra, elas brotaram.

A REDAÇÃO.

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita

INTRODUÇÃO

Quando os Espíritos vieram revelar aos homens as novas leis da natureza que fizeram do espiritismo uma doutrina, eles disseram: "Eis os princípios; cabe a vós elaborá-los e lhes deduzir as aplicações". O que muitas vezes fizemos sobre as questões científicas, agora estamos fazendo sobre a questão religiosa. Era também uma opinião geral que o espiritismo, cedo ou mais tarde, levaria a uma modificação nas crenças; no entanto, quando dissemos que ele não era uma religião, estávamos certos e de forma alguma em contradição com o que estamos fazendo hoje.

O espiritismo, com efeito, não é, por si mesmo, senão uma doutrina filosófica alicerçada sobre fatos exatos e leis naturais então desconhecidas; mas por sua essência, essa doutrina, ao modificar profundamente as ideias, toca em todas as questões sociais, e, por consequência, na questão religiosa, como todas as outras. Todas as filosofias não se ocupam com isso — já que elas discorrem sobre as bases de todas as religiões, ou seja, Deus, a origem e a natureza da alma? A filosofia materialista também não se ocupa com isso do ponto de vista da negação, como o panteísmo, através de seu sistema de fusão no todo universal? É até impossível que uma filosofia não aborde essas questões de uma forma ou de outra. O espiritismo poderia, portanto, ocupar-se com esse assunto,

a seu modo, com a ajuda dos elementos novos que ele antecede; mas isso não é o que constitui uma religião, caso contrário todas as filosofias seriam religiões.

O espiritismo, em sua acepção original mais simples, consiste na crença nas relações que podem se estabelecer entre os vivos e as almas, ou Espíritos, daqueles que viveram; daí a prova concreta da existência, da sobrevivência e da individualidade da alma — base de toda religião. Qualquer um que admita esse princípio é espírita, e como ele é independente dos dogmas, estávamos certos quando dissemos que se poderia ser católico, judeu ou protestante e ao mesmo tempo espírita; e a prova disso é que ele recrutou em todas as seitas, sem exceção nem do islamismo, adeptos que não têm, por conta disso, renunciado a suas crenças particulares, nem à prática dos deveres de seu culto.

Foi mesmo, sobretudo no início, um ponto muito essencial a ser ressaltado para não ferir as consciências temerosas. Em ferindo, desde o princípio, as ideias recebidas, o espiritismo teria alienado a simpatia de incontáveis indivíduos que se tornaram seus adeptos. Teria sido, portanto, clara imprudência e imprevisão proclamar sua incompatibilidade com as crenças religiosas e dizer àqueles que vieram até nós com alguma hesitação: vós não podeis ser espírita se não abjurardes vossa fé. Teria sido um sinal constrangedor, e isto é o que não compreenderam aqueles que assim o fizeram por conta de um zelo muito pouco pensado. Ao fazer franca cisão com as diversas comunhões, o espiritismo teria se isolado, enfraquecido, e aí teria experimentado um atraso irreparável em sua caminhada ascendente. Teria, além disso, agido contra o propósito a que se propôs: a reaproximação das seitas em um sentimento comum de fraternidade, colocando-se ele próprio como um ponto de contato.

Acima de tudo, era necessário propagar a ideia fundamental; dar-lhe tempo para se afirmar, se infiltrar, criar raízes e esperar pacientemente pelos frutos que não poderiam amadurecer antes da estação.

O espiritismo é sempre o mesmo quanto ao seu princípio; apenas ele marchou de descoberta em descoberta, de deduções em deduções; ora, não devemos dissimular que as consequências que decorrem de certas observações estão em contradição com algumas crenças, como tem sido com certas descobertas da ciência; mas isto não é o que o torna uma religião.

É preciso distinguir a ideia religiosa da religião propriamente dita. A ideia religiosa é geral, sem princípios de detalhes fixos, sem qualquer regulamentação. A religião tem um caráter particular de precisão que consiste não somente em estar em uma comunidade de crenças bem determinada, mas também na forma exterior da adoração, no cumprimento de certos deveres, e no vínculo que une os adeptos. Isso é o que jamais o espiritismo teve e é por isso que não tem sido uma religião. Somos espíritas porque simpatizamos com a ideia que ele contém, como se pode ser cartesiano, platônico, espiritualista ou materialista, porém não por uma profissão de fé ou uma consagração qualquer.

Entretanto, se a ideia religiosa for deixada por si mesma, ela logo cairá em anarquia; por falta de princípios fixos, ela perambula no vazio e a indiferença não tarda a tomar conta. É-lhe necessário um guia, algum tipo de programa para apreciar o pensamento, um estímulo contra o desinteresse. Ela o encontra na forma religiosa. Isolada, a alma murcha ou se exalta; nas assembleias, ela se eleva e se reconforta; por instruções verbais, sabiamente calculadas e apropriadas às circunstâncias, ela muitas vezes se esclarece melhor

do que o poderia fazer pela leitura. Eis porque uma religião é necessária; dizemos mais: é uma necessidade. Mas para que ela alcance seu objetivo, é mister que ela preencha certas condições.

O espiritismo por si só não é uma religião, mas uma simples filosofia. Religião significa: *liame*. Contudo, a opinião geral, no surgimento do espiritismo, era que uma nova religião nascera; aqueles que nele viam os fundamentos de uma nova religião talvez estivessem corretos; no entanto, desde que ele não estabelecesse qualquer ligação entre os adeptos, ele não seria mais uma religião do que todas as outras declaradas filosóficas. Não era uma religião, mas se poderia deduzir dela uma religião; isso é o que se pretendia; mas não era preciso se apressar para apresentar o espiritismo sob esse ponto de vista; teria sido suscitar-lhe muitos inimigos, e ele já tinha bastante deles sem isso; era preciso deixar que se desse às ideias fundamentais; era preciso também que a necessidade de uma reforma fosse sentida mais e mais; agora chegou a hora de deduzir as suas consequências religiosas, dando-lhes uma forma regular; mas, exceto a forma, a ideia principal está, pois, formada de todas as consciências; nossos adversários tiveram o cuidado de aplinar o caminho para nós.

* * *

O espiritismo ainda está no estágio de doutrina individual e não ainda o de doutrina coletiva; é por isso que não tem os liames necessários para constituir solidamente as aglomerações dos indivíduos; é uma questão de tempo.

=====

Por haveremos dito, repetidas vezes, que o espiritismo não era uma religião, estamos agora em própria contradição conosco? De modo nenhum. Em dizendo que o espiritismo não era uma religião, estávamos certos, porque na realidade era uma ciência nova, uma doutrina filosófica; mas nós dissemos que, como filosofia, ele tinha consequências religiosas; que, por sua natureza, tocava em todas as questões sociais, políticas e religiosas; pois são essas consequências que deduzimos hoje; não poderíamos fazer isso até que o espiritismo tivesse completado os elementos constitutivos, e além disso, era preciso esperar pelo momento propício.

O espiritismo foi, portanto, completado, na medida em que as observações o puderam permitir, naquilo que lhe reserva o futuro, porém o suficiente para formar um conjunto, um corpo de doutrina; estas são as consequências que vamos deduzir hoje para sua aplicação à *Religião do progresso*.

— A religião do progresso não é a religião espírita, nem o espiritismo transformado em religião; é uma religião que assimila as doutrinas espíritas como um de seus elementos, pois o espiritismo é uma realidade e um progresso; assim como assimilará qualquer descoberta ou doutrina que seja reconhecida como uma verdade e um progresso, como teria assimilado o panteísmo, se o panteísmo tivesse sido uma verdade e um progresso.

Mas não se segue que ela adotará ou patrocinará instantaneamente todas as ideias novas, todos os sistemas ainda que concebidos com boas intenções e tendo um futuro; uma vez que não deve se apoiar senão em bases sérias e não em utopias, ela não assimila as ideias novas enquanto elas não chegarem ao estágio das *verdades práticas*, e enquanto elas não forem sancionadas pela experiência. — Só que, ao contrário da maioria das religiões, ela aí

não aparece, porque se forem erros ou utopias, elas cairão por si mesmas; e se forem verdadeiras e úteis ao bem da humanidade, ao desenvolvimento de faculdades morais e intelectuais, elas não poderão prejudicar a religião do progresso, uma vez que as assimila.

Por uma consequência desse princípio progressivo sobre o qual ela está fundamentada, se algum dia fosse demonstrado que um dos artigos de seu sistema estaria em erro, ela o removeria ou o modificaria.

O espiritismo indica seu verdadeiro caráter; ele deve ser um progresso em relação a todas as doutrinas que existem e deve acompanhar o progresso das ideias, das artes e das ciências.

A doutrina cristã é um progresso em relação às crenças pagãs.

A doutrina espírita é um progresso em relação à doutrina cristã, no sentido de que ela a desenvolve e a complementa pela revelação de novas leis.

É um progresso porque ela dá a conhecer novas leis da natureza, as quais têm imensas consequências para a família, o bem-estar presente e futuro.

O nome de religião espírita teria sido muito especial; este nome não teria anunciado mais que um ponto da crença, um fato particular.

* * *

O espiritismo é uma ciência, assim como se pode ser um naturalista e pertencer a qualquer religião, como se pode ser espírita e ser católico, maometano ou chinês.

O espiritismo não é uma religião, mas explica certos fatos da

religião, como todas as outras ciências.

Pode parecer, à primeira vista, contradizer certos pontos da religião, como as outras ciências que pareciam ser contrárias até mesmo à existência e à imortalidade da alma; mas esse erro foi reconhecido, e assim como a religião entrou em acordo com a ciência, ela entrará em acordo com o espiritismo.

Nos primeiros dias do cristianismo dizia-se dos pagãos: os deuses se vão. Hoje podemos dizer das seitas cristãs: os mistérios se vão; os milagres se vão; a fé cega se vai; os clérigos se vão.

As bênçãos e as indulgências são papel-moeda depreciado que em breve não estarão mais em circulação.

Antes de tudo, uma pergunta: eu, sim ou não, sou livre para ter uma opinião religiosa e constituir para mim uma religião à minha maneira? — Sim. — Sou livre para publicar minhas ideias? — Sim. — Será que eu imponho minhas opiniões a quem quer que seja, inclusive aos espíritas? — Não. — Eu formulo minhas crenças porque é meu direito; a cada qual cabe julgá-las como bem o queira. Aqueles que as acharem boas irão adotá-las; aqueles que as acharem más irão rejeitá-las (Explicando com clareza e precisão os fundamentos em que se baseiam e suas consequências sociais, eu lhes dou os meios para apreciá-los).

Portanto, não há constrangimento para ninguém; por que me recusariam um direito que todos reivindicam para si?

Vós destruís o catolicismo, dirão: a isso eu respondo de pronto que se o catolicismo é obra de Deus e a verdade absoluta, ele é indestrutível; mas se pode ser destruído, é que não é obra de Deus, a menos que se diga que o homem é mais poderoso que Deus. Temer que uma nova crença possa suplantá-lo é acusar sua fraqueza. A este respeito, os terrores a que deu origem o

espiritismo desde seu surgimento, provaram a pouca confiança em sua estabilidade.

* * *

O protestantismo e todas as seitas dissidentes que parecem separadas desde o início não o demoliram? Os racionalistas e livres pensadores de hoje não o minam todos os dias pela base? — E o materialismo, que tanta gente defende, não é a negação mais absoluta, uma vez que é a negação do princípio essencial de cada religião, de Deus e da alma? Então, se lhes concedemos o direito de exprimirem seus pensamentos, por que me negariam o direito de emitir o meu?

Uma vez mais, não falo em meu nome pessoal e nem mesmo em nome de todos os espíritas; eu traço um plano como outros o fizeram, como outros têm o direito de fazer.

* * *

Um catolicismo liberal é possível ao lado do espiritismo? E podemos estabelecê-lo?

Não, porque o catolicismo, não admitindo o livre exame dos dogmas, não pode modificá-los, sem os quais ele não seria mais católico.

Desde que se tenha batido o martelo sobre um dogma, querer-se-á fazer o mesmo sobre outro e assim por diante. Logo, uma reforma do catolicismo teria poucos partidários; ela não satisfaria nem a uns nem a outros, teria muito pouco e ainda muito; é preciso que o catolicismo permaneça o que ele é; não é o espiritismo que se transforma em religião, mas antes uma religião que surge do

espiritismo; ela terá a vantagem de fixar as crenças daqueles que vão abraçá-lo, o que ninguém é obrigado a fazer, pois ela não se impõe a ninguém.

Mas então, dirão, é uma seita dentro do espiritismo; que seja uma seita, mas com essa diferença que aqueles que nela entrarem não considerarão menos irmãos aqueles que ficarem de fora dela, e não lhes atirarão pedras; a religião é uma forma definida de espiritismo, mas os espíritas, *qualquer que seja a seita a que pertençam*, são todos membros da mesma família.

* * *

A Religião espírita não vem impor-se nem substituir pela força qualquer outro culto, mas penetrar-se nas fileiras e se submeter às circunstâncias da concorrência. Um fato incontestável é a invasão que a dúvida e a incredulidade têm feito em todos os cultos; há, portanto, uma notável parte da população que flutua na incerteza ou que, de fato, não é mais da velha religião. É a este a quem a crença espírita se dirige; ela lhes diz: O alimento intelectual que vos foi dado até hoje não vos saciou; o vazio se fez em vossas crenças: eu venho preencher este vazio e dar ao vosso espírito o alimento que vos faltava; aceitai-me se vós me compreendeis e *se vós me achais ao vosso agrado*.

ALLAN-KARDEC.

Como todas essas folhas manuscritas estavam manchadas e misturadas, tivemos algumas dificuldades para classificar os pensamentos do Mestre, que nós oferecemos a fim unicamente de revivê-los.

A REDAÇÃO.

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita

(Continuação, parte 2).

Influência do espiritismo para a destruição da incredulidade.

É comum que a fé adquirida na juventude, através da influência da religião católica, se perca à medida que se envelhece; a incredulidade nasce da reflexão. A fé exigida pelo espiritismo é, pelo contrário, o produto da reflexão; ela se fortalece com a idade, e a prova disso é que o espiritismo, até agora, tem conquistado o homem na idade madura e até na velhice, e que ele triunfa sobre a incredulidade, que havia substituído a fé — muitas vezes ardente — dos primeiros anos.

Pode-se concluir naturalmente que quando as crianças são criadas no espiritismo, a idade, longe de enfraquecer ou destruir sua fé, irá fortalecê-la.

Dois cultos distintos dividem o mundo: o culto do espírito, ou dos espiritualistas, e o culto da matéria, ou dos materialistas.

O campo dos espiritualistas é de longe o mais numeroso, porém é enfraquecido por sua divisão em inúmeras seitas que se lançam anátemas, e dessa maneira fornecem armas aos materialistas.

O espiritismo é uma das frações do espiritualismo. Ele tem, sobre todas as outras, uma imensa vantagem: a de não lançar o anátema contra ninguém. Despreocupado com a forma, ele respeita

toda a crença sincera e considera que Deus é grande demais para se importar com a forma pela que nós o adoramos, e que a observância das leis divinas é a única condição de salvação; ele considera, além disso, que quem os desconhece hoje o observará mais tarde, em virtude da lei do progresso.

O espiritismo é, pois, por sua natureza, essencialmente tolerante, porque ninguém fica excluído para sempre.

Todas as religiões têm por base fundamental: Deus, a alma e seu futuro. Eles se diferem apenas pelas crenças acessórias, o modo de adoração, a forma externa do culto. Seu maior inimigo é a incredulidade, uma vez que esta é a negação do próprio princípio, ele rejeita a forma e o fundamento. O espiritismo, apoiando este princípio através de provas concretas, é o mais poderoso antídoto contra a incredulidade; é por isso que ele frequentemente triunfa onde a religião falhou. Ele leva essencialmente ao sentimento religioso e é por isso que vem em auxílio à religião minada pela incredulidade; contudo, nunca dissemos que era para o benefício desta ou daquela seita, deste ou daquele dogma. Ele dá a fé em Deus e na imortalidade a alma àqueles que não a tinham; ele a fortifica naqueles em quem ela estava vacilante, mas isso não foi suficiente para as seitas; cada uma teria desejado que ele trabalhasse apenas para ela, e que a ajudasse a combater as outras; ao invés de recebê-lo como um auxiliar contra o inimigo comum, elas o repeliram, lançando-lhe o anátema e a maldição; insultaram-lhe, fecharam-lhe a porta dos seus templos; elas então o forçaram a se refugiar em si mesmo e a si constituir... Vós perguntais por que ele não permaneceu como simples filosofia, mas fostes vós quem assim o quisestes.

* * *

Quando no mundo um homem está doente, dá-se-lhe esperança de uma saúde melhor no futuro.

Se ele está arruinado, dá-se-lhe esperança de um retorno à fortuna.

Se ele for vítima de uma colheita ruim, dá-se-lhe esperança de que ele tenha uma colheita melhor para o ano seguinte.

Em todas as misérias, enfim, nós o encorajamos, acalmamos seu desespero através da perspectiva de um futuro melhor. Esse sentimento é instintivo, e é isso que também os materialistas fazem.

Quando o homem chega ao término da vida, que consolação e que compensação pelos males sofridos o materialismo oferece? Portanto, nisso, não há mais futuro: oferece-se a perspectiva do nada.

* * *

A religião consiste na fé em Deus, na Providência, na imortalidade da alma e na vida futura.

A diferença entre as religiões consiste na maneira como se entende esses quatro pontos.

A esses pensamentos dispersos do Mestre, escritos aqui e acolá, saindo de seu cérebro como jatos de vapor de uma caldeira fervente, são adicionados notas e textos de estranhos. Aqui encontramos, e publicamos com satisfação, esta comunicação do abade de Lamennais.

Comunicação obtida após um sermão pregado pelo abade Lecot, da diocese de Noyon, na Igreja de Nossa Senhora de Chauny (Aisne).

Necessidade da Religião.

A religião é a necessidade dos povos; sem ela, nada de civilização possível nem de poder duradouro; sem ela, os homens seriam todos criminosos ou bárbaros; é ela quem pule os costumes, quem adoça a linguagem, quem dá a porção de vida intelectual a cada um de vós, como uma mãe dá a cada um de seus filhos o alimento coletado por ela.

Proclamamos, pois, em alta voz, a necessidade do espírito religioso, a necessidade de reconhecê-lo acima de todos os poderes, que devem segui-lo e não o ultrapassar. É a religião que liga o céu à terra, é ela que vem extrair de vós as flores tão preciosas da esperança, é ela que fortalece o coração de uma mãe, é ela que dá o heroísmo e o destemor da fé e vos impede de medir o perigo para correr e salvar vossos irmãos.

Oh! Ela é bela, ela é nobre, pois ela vem de Deus! Ela deve, portanto, ser pura, deslumbrante e descobrir seu seio para todos — grandes e pequenos; ele deve irradiar em cada um de seus intérpretes como a lâmpada da noiva, para que as virgens, vendo-a de longe, a reconheçam e não se desviem dela. Deve, através de suas mãos consagradas pelo óleo sagrado, derramar-se em um fluido que cura os males, que restaura, naqueles que têm febre moral, uma nova energia. Vede-a então abençoar, vede-a se regenerar e entrar, simples e cândida como nos primeiros dias, no santuário, para oferecer a Deus a pomba branca e a cesta de flores.

Pompas terrestres, vós destruís sua candura; vós escondeis sob indumentárias douradas seu verdadeiro rosto. O mundo finalmente reconheceu aquela palavra dos sábios: Vaidades, tudo é vaidade, até mesmo a adoração que rendeis à Divindade.

Por que esta marca de grandeza? Jesus não é humilde? Por que ireis carregar a palavra de Deus em vosso palanquins⁵ modernos?

⁵ Tipo de assento acoplado a um conjunto de varas destinado a ser carregado nos ombros pelos seus carregadores (geralmente servos de quem se transporta sentado)

Assim como Jesus, o povo pode vos seguir? Não, ele se aproxima de vós tremendo; o pobre afasta-se do caminho para deixar passar o magnífico prelado! Mas Deus viu e ele é um juiz. Vós desnatureis sua obra. Diretamente aos pequenos ele faz ser ouvida sua palavra a fim de que, sem orgulho e sem ênfase, eles a espalhem entre as pessoas que se tornarem o eco de Deus.

Assinado: LAMENNAIS, ex-pregador.

* * *

Querer, a pretexto da liberdade, excluir toda a religião, dizer que a liberdade é incompatível com toda religião é tão irracional quanto impor uma religião àqueles que não a querem.

Para muita gente, uma religião — quer dizer, acreditar em algo, adorar a Deus — é uma necessidade muito urgente, muitas vezes mais urgente do que a de comer; por que, então, negar o alimento espiritual àqueles que o querem, de preferência ao alimento corporal?

A liberdade, neste caso, seria a pior das tiranias, porque essa seria a tirania da consciência.

(A continuar.)

ALLAN KARDEC

ou no dorso de determinados animais (especialmente camelo e elefante), sendo em muitas regiões orientais um meio de transporte tradicional e bastante comum à época de Allan Kardec; no presente contexto, espécie de andor, que nas procissões religiosas transporta imagens de santos — N. E.

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita

(Continuação).

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

Da troca de religião.

Toda opinião, todo ponto de vista a respeito de qualquer assunto é um ato espontâneo do espírito agindo em virtude do seu livre arbítrio, resultado da comparação que se estabelece entre duas coisas; é a comparação que lhe permite julgar qual dessas duas coisas parece boa ou ruim, o que lhe faz adotá-la ou rejeitá-la. Decide-se por uma ação porque, correta ou incorretamente, crê-se que seja melhor do que a ação contrária; abraça-se uma causa porque acredita-se que seja mais justa, mais racional do que a causa adversa. Estejamos enganados ou não, a escolha não o é menos produto de uma deliberação do espírito. Esse princípio se aplica a todas as circunstâncias da vida: desde as coisas mais fúteis até as mais sérias. A liberdade de exame é um dos atributos essenciais da humanidade; sem ela, o homem não seria mais que uma máquina; ele não pode repudiá-lo sem abdicar da faculdade que o distingue do bruto: a reflexão.

O direito de livre exame resulta daquele direito de mudar de ideia, quando se reconhece estar errado; é mais do que um direito:

é um dever proclamá-lo em alta voz; pois, quando se está convencido de que estava errado, é-se culpado por manter nesse erro aqueles que por ele se conduziram. Quem pensaria em culpar aquele que, numa questão controversa, adota, com convicção, uma maneira de ver contrária àquela que defendia? Não haveria aí mérito de se reconhecer francamente estar equivocado? Não é infantil, pelo contrário, persistir em uma ideia que se sabe ser falsa, só para não parecer se contradizer? Acreditamos que estamos salvando a autoestima, e não achamos que a autoestima sofreria muito mais se soubéssemos o que o mundo pensa dessas teimosias ridículas que denotam ainda mais orgulho do que o verdadeiro conhecimento. Não seria pueril, ao contrário, persistir numa ideia que se sabe ser falsa, unicamente para não parecer se contradizer? As pessoas acreditam estarem salvaguardando o amor-próprio, e não ponderam que o amor-próprio sofreria muito mais se elas soubessem o que o mundo pensa dessas teimosias ridículas que denotam muito mais orgulho do que verdadeiro conhecimento.

Mas se há virtude nisso — coragem às vezes — para mudar de opinião por convicção, há também aí baixeza em mudar por vantagem ou por interesse.

Em semelhantes casos, uma mudança de opinião não seria resultado de leveza ou versatilidade, mas um ato premeditado de falsidade e hipocrisia, porque seria querer ganhar a confiança através de aparências enganosas. Tais apostasias sempre foram justamente condenadas.

Se não há vergonha em renunciar a uma opinião tomada para adotar uma que se acredita ser mais justa, com mais forte razão deve ser quando se trata de uma crença imposta, com a qual nossa escolha não teve parte alguma. O que constitui para nós a

autoridade de uma religião não é porque os outros nos dizem que ela seja a melhor nem porque ela era a religião dos nossos pais, mas porque, tendo atingido a idade da reflexão, nós podemos julgar o valor dos princípios nos quais ela se apoia. Religião é o conjunto de crenças que se adota a respeito de questões de uma determinada ordem; como as opiniões políticas, como a adoção desse ou daquele sistema filosófico particular, ela é, o que quer que se faça dela, o ato do livre consentimento, e não pode ser imposta. A fé em um dogma resulta da apreciação e não se ordena. Uma criança pode ser criada na religião católica, judaica, protestante ou qualquer outra, mas ela não é realmente de uma ou de outra enquanto ele for capaz de assimilar suas crenças por um ato de sua vontade. Podemos nos submeter, por coerção ou hábito, a práticas exteriores, mas a convicção íntima escapa de qualquer autoridade. Esta é uma verdade promovida ao status de axioma.

Isso não é verdade, dir-se-á, senão para aqueles que sejam capazes de raciocinar sua fé; mas quantos são os que não o fazem ou não o puderam fazer. — Até mesmo estes não são exceção à regra; se eles se contentam com a afirmação dos outros, sem outro exame, é porque lhes convém, e que o princípio lhe é suficientemente demonstrado; não agem menos do que por um ato voluntário e livre; eles creem porque querem crer, e não porque se quer que eles creiam. Sua fé, por não ser raciocinada e nem sempre ser razoável, não é por isso menos respeitável, desde o momento em que seja sincera. Deixemo-los então com suas crenças, enquanto ela lhes seja satisfatória; mais tarde, como a criança que cresce, eles quererão saber mais e compreendê-la, e é aí que seria imprudente e inútil querer sufocar neles a reflexão.

Com tais princípios, dir-se-á, haveria tantas religiões quanto

indivíduos.

Considerando a coisa do ponto de vista filosófico, pergunta-se de onde vem a espécie de reprovação ligada à mudança de religião? É evidente que com o princípio da liberdade de consciência e do livre exame, proclamado como uma conquista do progresso, essa reprovação é um absurdo. Ela poderia ter tido sua razão de ser numa certa época; ela ainda é concebida nos países onde a fé é exclusiva, pois sendo o culto oficialmente praticado e imposto considerado como a única forma de salvação, qualquer um que se desvie dele é visto como um pecador, mas ela seria incompreensível naqueles países onde a liberdade de consciência é do direito comum. Sendo cada qual livre para adorar a Deus à sua maneira, deve-se ser livre para se apegar à crença que melhor atenda às suas aspirações; o compromisso assumido pelo indivíduo, quando ele era incapaz de ter uma vontade, não poderia — nem por direito, nem por equidade, nem por lógica — obrigá-lo de qualquer forma; o simples bom senso diz que ele é sempre livre para ratificar ou recusar um contrato feito sem sua participação.

Seu livre arbítrio não pode ser acorrentado, do ponto de vista religioso, pela fé de seu pai, mais do que por suas opiniões políticas ou científicas. O que se busca numa religião é a maior soma possível de verdades; se, portanto, em nossa consciência, a crença de nossos pais nos parece desviar-se da verdade, o respeito que temos por eles não pode ir até à abdicação de nosso próprio julgamento, e a adoção cega de suas ideias apenas porque eles as propuseram. Não é mais racional e mais moral inscrever-se francamente sob a Bandeira de sua escolha do que persistir em participar das fileiras de uma crença da qual não se compartilha?

As ideias que há muito governaram o mundo deixam

impressões que se desvanecem lentamente e não desaparecem senão após várias gerações. Sob o império da fé cega, que exclui todo o exame, cada religião, convencida de ter a única verdade que conduz ao céu, considerava outras religiões como obras satânicas, e aqueles que as professavam como inevitavelmente condenadas ao inferno. Dessa ideia fortemente impressa no espírito das massas e que os ministros de todos os cultos têm constantemente se esforçado para manter, nasceu o antagonismo religioso, fonte incessante — como sabemos — de violência, de lutas e de perseguições. Nestes tempos de fanatismo, mudar de religião não seria visto como uma mudança de opinião, mas como uma deserção em favor do inimigo. Se bem que hoje se veja as coisas de uma maneira mais ampla, essa prevenção não é tão apagada que não tenha deixado traços como aqueles velhos preconceitos que sobrevivem à causa que lhes deu origem. Conquanto a liberdade de consciência não seja mais contestada em princípio, ela ainda não entrou nos costumes práticos de todo o mundo; assim como alguns direitos políticos, ainda é um direito monstruoso aos olhos de muitas pessoas. O desprestígio ligado à mudança de religião, e que parece uma anomalia neste tempo de livre exame, é incontestavelmente um resto de prevenções nascidas do antagonismo religioso, e mesmo aqueles que se livraram do jugo de ideias exclusivas não estão inteiramente livres. O espírito que se identificou com uma ideia não se emancipa senão gradual e timidamente; por muito tempo ainda se sacrifica aos preconceitos, aos costumes, ao medo do que se dirá disso; se não é por ele, é pelos semelhantes.

(Continua).

ALLAN KARDEC

**ÉTUDE
DES
RELIGIONS**

NOTES MANUSCRITES D'ALLAN-KARDEC

Nous avons eu la bonne fortune de retrouver, au milieu de vieux papiers remontant pour la plupart à un demi-siècle, une quantité de feuilles manuscrites d'Allan Kardec. Au lieu de les incinérer respectueusement notre rédacteur en chef a bien voulu les emporter et les lire afin d'en extraire ce qui pourrait offrir quelque intérêt aux abonnés de la *Revue Spirite*.

L'ensemble de ces notes forme une étude succincte sur les Religions, divisée en quatre chapitres ou plutôt en quatre collections de notes réunies sous une même couverture et qu'il a intitulées :

Étude des Religions

- I. – Introduction.
- II. – Nécessité d'une religion. Recrudescence du matérialisme.
- III. – Liberté de conscience. Droit de changer de religion.
- IV. – Décadence des religions.

Nous ne prétendons pas publier toutes ces notes qui composaient pour le Maître les matériaux divers qu'il avait réunis à pied d'œuvre pour élever un ouvrage qu'il n'a pas eu le temps d'édifier. Nous donnerons un certain nombre de pages à nos lecteurs qui éprouveront, à relire les vieilles notes d'Allan Kardec,

la saveur que l'on trouve à un fruit dont on n'avait pas goûté depuis longtemps.

Nous n'affirmons point que ces pages seront présentées dans l'ordre que l'écrivain devait régler lui-même, ni que seront à leur place les notes nombreuses qui y sont attachées, mais nous en extrairons le meilleur afin de composer quelques articles qui feront comprendre l'idée du grand philosophe que fut l'initiateur et le propagateur du Spiritisme.

Nous séparerons par des astérisques les notes qui semblent se rattacher à chaque chapitre et qui ont cette grande valeur à nos yeux que, sortant de son cerveau, elles ont été tracées par sa main. Enfin le lecteur considèrera que ces idées ont été émises il y a cinquante ans et que depuis qu'Allan Kardec les jetait sur la terre, elles ont germé.

LA RÉDACTION.

Étude sur les Religions comparées à la Philosophie Spirite

INTRODUCTION

Lorsque les Esprits sont venus révéler aux hommes les lois nouvelles de la nature qui ont fait du spiritisme une doctrine, ils ont dit : « Voilà les principes ; à vous de les élaborer et d'en déduire les applications. » Ce que nous avons fait maintes fois pour les questions scientifiques, nous le faisons maintenant pour la question religieuse. C'était d'ailleurs une opinion générale que le spiritisme devait tôt ou tard aboutir à une modification dans les croyances ; cependant quand nous avons dit que ce n'était pas une religion, nous étions dans le vrai et nullement en contradiction avec ce que nous faisons aujourd'hui.

Le spiritisme, en effet, n'est, par lui-même, qu'une doctrine philosophique bâtie sur des faits exacts et des lois naturelles encore inconnues ; mais par son essence, cette doctrine, en modifiant profondément les idées, touche à toutes les questions sociales, et par conséquent à la question religieuse, comme à toutes les autres. Est-ce que toutes les philosophies ne s'en occupent pas ? puisqu'elles commentent les bases de toutes les religions, c'est-à-dire Dieu, l'origine et la nature de l'âme ? La philosophie matérialiste ne s'en occupe-t-elle pas aussi au point de vue de la négation ? le panthéisme par son système de fusion dans le tout universel ? Il est même impossible qu'une philosophie n'aborde pas ces questions dans un sens ou dans un autre. Le spiritisme pouvait donc s'en occuper de son côté à l'aide des éléments nouveaux qu'il

précède ; mais ce n'est pas là ce qui constitue une religion, autrement toutes les philosophies seraient des religions.

Le spiritisme, dans son acception primitive la plus simple, consiste dans la croyance aux rapports qui peuvent s'établir entre les vivants et les âmes, ou Esprits, de ceux qui ont vécu ; d'où la preuve matérielle de l'existence, de la survivance et de l'individualité de l'âme, base de toute religion. Quiconque admet ce principe est spirite, et comme il est indépendant des dogmes, nous étions dans le vrai quand nous disions qu'on pouvait être catholique, juif ou protestant et spirite en même temps ; et la preuve en est qu'il a dans toutes les sectes, sans en excepter l'islamisme, des adeptes qui n'ont pas, pour cela, renoncé à leurs croyances particulières, ni à la pratique des devoirs de leur culte.

C'était même, à l'origine surtout, un point très essentiel à faire ressortir pour ne pas heurter les consciences timorées. En froissant, dès l'abord, les idées reçues, le spiritisme se serait aliéné les sympathies d'innombrables individus qui sont devenus ses adhérents. Il y aurait donc eu imprudence et imprévoyance manifestes à proclamer son incompatibilité avec les croyances religieuses, et à dire à ceux qui venaient à nous avec quelque hésitation : vous ne pouvez être spirites si vous n'abjurez pas votre foi. C'eût été un insigne maladresse, et c'est ce que n'ont pas compris ceux qui l'ont fait par suite d'un zèle trop peu réfléchi. En faisant scission ouverte avec les diverses communions, le spiritisme se serait isolé, affaibli, et il en eût éprouvé un irréparable retard dans sa marche ascendante. Il eût, en outre, agi contra le but qu'il se proposait : le rapprochement des sectes dans un commun sentiment de fraternité, en se posant lui-même comme point de contact. Avant tout, il fallait propager l'idée fondamentale ; lui

laisser le temps de s'affirmer, de s'infiltrer, de prendre racine, et en attendre patiemment les fruits qui ne pouvaient mûrir avant la saison.

Le spiritisme est toujours le même quant à son principe ; seulement il a marché de découvertes en découvertes, de déductions en déductions ; or, il ne faut pas se dissimuler que les conséquences qui découlent de certaines observations sont en contradiction avec quelques croyances, comme il en a été de certaines découvertes de la science ; mais ce n'est pas ce qui en fait une religion.

Il faut distinguer l'idée religieuse de la religion proprement dite. L'idée religieuse est générale, sans principes de détail arrêtés, sans réglementation quelconque. La religion a un caractère particulier de précision qui consiste non seulement dans une communauté de croyances bien déterminées, mais dans la forme extérieure de l'adoration, dans l'accomplissement de certains devoirs, et dans le lien qui unit les adeptes. C'est ce que n'a jamais eu le spiritisme, et c'est pour cela qu'il n'a pas été une religion. On est spirite parce qu'on sympathise avec l'idée qu'il renferme, comme on est cartésien, platonicien, spiritualiste ou matérialiste, mais non par une profession de foi ou une consécration quelconque.

Cependant, si l'idée religieuse est livrée à elle-même, elle tombe bientôt dans l'anarchie ; faute de fixité de principes, elle erre dans le vague, et l'indifférence ne tarde pas à prendre le dessus. Il lui faut un guide, une sorte de programme pour apprécier la pensée, un stimulant contre l'insouciance. Elle trouve cela dans la forme religieuse. Isolée, l'âme s'étirole ou s'exalte ; dans les assemblées, elle s'élève et se reconforte ; par des instructions verbales,

sagement calculées et appropriées aux circonstances, elle s'éclaire souvent mieux qu'elle ne pourrait le faire par la lecture. Voilà pourquoi une religion est nécessaire ; nous disons plus : c'est un besoin. Mais pour qu'elle atteigne le but, il faut qu'elle remplisse certaines conditions.

Le spiritisme par lui-même n'est point une religion, mais une simple philosophie. Religion veut dire : *lien*. Cependant l'opinion générale, à l'apparition du spiritisme, a été qu'une nouvelle religion naissait ; ceux qui y voyaient les fondements d'une nouvelle religion étaient peut-être dans le vrai ; cependant tant qu'il n'établirait aucun lien entre les adeptes, il n'était pas plus une religion que toutes les autres déclarées philosophiques. Ce n'était pas une religion mais on pouvait en déduire une religion ; c'est ce que l'on prétendait ; mais il ne fallait pas se hâter de présenter le spiritisme sous ce point de vue ; c'eût été lui susciter trop d'ennemis, et il en avait déjà assez sans cela ; il fallait laisser s'accréditer les idées fondamentales ; il fallait en outre que le besoin d'une réforme se fit de plus en plus sentir ; aujourd'hui le temps est venu d'en déduire les conséquences religieuses en leur donnant une forme régulière ; mais sauf la forme, l'idée principale est donc formée de toutes les consciences ; nos adversaires ont pris soin de nous aplanir la route.

* * *

Le spiritisme est encore à l'état de doctrine individuelle et non encore à celui de doctrine collective ; c'est pourquoi il n'a pas les liens nécessaires pour constituer solidement les agglomérations d'individus ; c'est une question de temps.

=====

Nous avons, à plusieurs reprises, dit que le spiritisme n'était pas une religion, sommes-nous aujourd'hui en contradiction avec nous-mêmes ? En aucune façon. En disant que le spiritisme n'était pas une religion nous étions dans le vrai, parce qu'en réalité c'était une science nouvelle, une doctrine philosophique ; mais nous avons dit que, comme philosophie, il avait des conséquences religieuses ; que, par sa nature, il touchait à toutes les questions sociales, politiques et religieuses ; car ce sont ces conséquences que nous déduisons aujourd'hui ; nous ne pouvions le faire avant que le spiritisme n'eût complété des éléments constitutifs, et en outre qu'il fallait attendre le moment propice.

Le spiritisme était donc complété, autant que les observations ont pu le permettre, dans ce que lui réserve l'avenir, mais suffisamment pour former un ensemble, un corps de doctrine ; ce sont les conséquences que nous allons en déduire aujourd'hui par son application à la *Religion du progrès*.

— La religion du progrès n'est point la religion spirite, ni le spiritisme transformé en religion ; c'est une religion qui s'assimile les doctrines spirites comme l'un de ses éléments, parce que le spiritisme est une réalité et un progrès ; de même qu'il s'assimilera toute découverte ou toute doctrine qui sera reconnue une vérité et un progrès, comme elle se serait assimilé le panthéisme si le panthéisme eût été une vérité et un progrès.

Mais il ne s'ensuit pas qu'il adoptera ou patronnera instantanément toutes les idées nouvelles, tous les systèmes même conçus dans de bonnes intentions et ayant de l'avenir ; comme elle ne doit reposer que sur des bases sérieuses et non sur des utopies,

elle ne s'assimile les idées nouvelles que lorsqu'elles sont arrivées à l'état de *vérités pratiques*, et lorsqu'elles ont été sanctionnées par l'expérience. — Seulement à l'encontre de la plupart des religions, elle n'y fait point d'apparition, parce que si ce sont des erreurs ou des utopies, elles tomberont d'elles-mêmes ; et si elles sont vraies et utiles au bien de l'humanité, au développement des facultés morales et intellectuelles, elles ne peuvent porter préjudice à la religion du progrès, puisque celle-ci se les assimile.

Par une conséquence de ce principe progressif sur lequel elle est fondée, s'il était un jour démontré qu'un des articles de son symbole fût une erreur, elle le retrancherait ou le modifierait.

Le spiritisme indique son véritable caractère ; il doit être un progrès sur toutes les doctrines qui existent, et doit suivre le progrès des idées, des arts et des sciences.

La doctrine chrétienne est un progrès sur les croyances païennes.

La doctrine spirite est un progrès sur la doctrine chrétienne, en ce sens qu'elle la développe et la complète par la révélation de nouvelles lois.

Elle est un progrès parce qu'elle fait connaître de nouvelles lois de nature, et qui ont des conséquences immenses pour la famille, le bonheur présent et futur.

Le nom de religion spirite eût été trop spécial ; il n'eût annoncé qu'un point de la croyance, un fait particulier.

* * *

Le spiritisme est une science, de même qu'on peut être naturaliste et appartenir à toute religion, on peut être spirite et être

catholique, mahométan ou chinois.

Le spiritisme n'est point une religion, mais il explique certains faits de religion, comme toutes les autres sciences.

Il ne peut au premier abord paraître contredire certains points de la religion comme les autres sciences qui ont paru contraires même à l'existence et à l'immortalité de l'âme ; mais on a reconnu cette erreur, et de même que la religion s'est mise d'accord avec la science, elle se mettra d'accord avec le spiritisme.

Dans les premiers temps du christianisme on a dit des païens : Les dieux s'en vont. On peut dire aujourd'hui des sectes chrétiennes : les mystères s'en vont ; les miracles s'en vont ; la foi aveugle s'en va ; les cléricaux s'en vont.

Les bons de messes et les indulgences sont un papier-monnaie déprécié et que bientôt n'aura plus cours.

Une question tout d'abord : suis-je, oui ou non, libre d'avoir une opinion religieuse ; de me faire une religion à ma manière ? — Oui. — Suis-je libre de publier mes idées ? — Oui. — Est-ce que j'impose mes opinions à qui que ce soit ? même aux spirites ? — Non. — Je formule mes croyances parce que c'est mon droit ; à chacun de les juger comme il l'entendra. Ceux qui les trouveront bonnes les adopteront ; ceux qui les trouveront mauvaises les rejeteront (En expliquant avec clarté et précision les bases sur lesquelles elles s'appuient, et leurs conséquences sociales, je donne le moyen de les apprécier).

Il n'y a donc contrainte pour personne ; pourquoi me refuserait-on une liberté que chacun revendique pour soi ?

Vous détruisez le catholicisme, me dira-t-on : à cela je réponds d'abord que si le catholicisme est l'œuvre de Dieu, et la vérité absolue, il est indestructible ; mais s'il peut être détruit, c'est qu'il

n'est pas l'œuvre de Dieu, à moins de dire que l'homme est plus puissant que Dieu. Craindre qu'une nouvelle croyance puisse le supplanter, c'est accuser sa faiblesse. Les terreurs qu'a fait naître à ce sujet le spiritisme dès son origine ont prouvé le peu de confiance en sa stabilité.

* * *

Est-ce que le protestantisme et toutes les sectes dissidentes qui semblent séparées depuis l'origine ne l'ont pas battu en brèche ? Est-ce que les rationalistes et les libres-penseurs de nos jours ne le sapent pas tous les jours par sa base ? — Est-ce que le matérialisme, que tant de gens préconisent, n'en est pas la négation la plus absolue, puisqu'il est la négation du principe même de toute religion, de Dieu et de l'âme ? Si donc on leur concorde le droit d'éveiller leur pensée, pourquoi me refuserait-on celui d'émettre la mienne ?

Encore une fois, je parle en mon nom personnel, et non pas même au nom de tous les spirites ; je trace un plan comme d'autres l'ont fait, comme d'autres ont droit de faire.

* * *

Un catholicisme libéral est-il possible à côté du spiritisme ? et peut-on l'établir ?

Non, parce que le catholicisme n'admettant pas le libre examen des dogmes ne saurait les modifier, sans quoi il ne serait plus catholique.

Dès lors qu'on aura mis la coignée dans un dogme on voudra

la mettre dans un autre et ainsi de suite. Puis une réforme du catholicisme aurait peu de partisans, elle ne satisferait ni les uns ni les autres, elle aurait trop peu et encore trop, il faut que le catholicisme reste ce qu'il est ; ce point le spiritisme qui se transforme en religion, c'est plutôt une religion qui sort du spiritisme, elle aura l'avantage de fixer les croyances de ceux qui l'embrasseront, ce à quoi nul n'est obligé, car elle ne s'impose à personne.

Mais alors, dira-t-on, c'est une secte dans le spiritisme ; une secte, soit, mais avec cette différence que ceux qui y entreront n'en considéreront pas moins comme des frères ceux qui resteront en dehors, et ne leur jetteront pas la pierre ; la religion est une forme définie du spiritisme, mais les spirites, *à quelque secte qu'ils appartiennent*, sont tous des membres de la même famille.

* * *

La Religion spirite ne vient point s'imposer ni se substituer par la force à aucun autre culte, mais se mettre sur les rangs et subir les chances de la concurrence. Un fait incontestable c'est l'invasion que le doute et l'incrédulité ont faite dans tous les cultes ; il y a donc une notable partie de la population qui flotte dans l'incertitude ou qui, de fait, n'est plus d'ancienne religion. C'est ceux-ci que la croyance spirite s'adresse ; elle leur dit : La nourriture intellectuelle qu'on vous a donnée jusqu'à ce jour ne vous a pas rassasiés ; le vide s'est fait dans vos croyances : je viens combler ce vide et donner à votre esprit l'aliment qui lui manquait ; acceptez-moi si vous me comprenez *et si vous me trouvez à votre gré*.

ALLAN-KARDEC.

Toutes ces feuilles manuscrites étant détachées et mêlées, nous avons eu quelque peine à classer les pensées du Maître que nous donnons afin de les faire revivre seulement.

LA RÉDACTION.

NOTES MANUSCRITES D'ALLAN KARDEC

Étude sur les Religions comparées à la Philosophie Spirite *(Suite) (2).*

Influence du spiritisme pour la destruction de l'incrédulité.

Il est ordinaire que la foi acquise dans la jeunesse, par l'influence de la religion catholique, se perd en prenant de l'âge ; l'incrédulité naît de la réflexion. La foi demandée par le spiritisme est, au contraire, le produit de la réflexion ; elle se fortifie avec l'âge ; et la preuve en est, c'est que le spiritisme, jusqu'à présent, a pris l'homme à l'âge mûr et jusque dans la vieillesse, et qu'il triomphe de l'incrédulité qui avait succédé à la foi souvent ardente des premières années.

On peut naturellement conclure que lorsque les enfants seront élevés dans le spiritisme, l'âge, loin d'affaiblir ou de détruire leur foi, la fortifiera.

Deux cultes tranchés se partagent le monde : le culte de l'esprit, ou les spiritualistes, et le culte de la matière, ou les matérialistes.

Le camp des spiritualistes est de beaucoup le plus nombreux, mais il est affaibli par sa division en d'innombrables sectes qui se jettent l'anathème, et fournissent par cela même des armes aux matérialistes.

Le spiritisme est une des fractions du spiritualisme. Il a, sur toutes les autres, un avantage immense : c'est de ne jeter

l'anathème à personne. Peu soucieux de la forme, il respecte toute croyance sincère, et pense que Dieu est trop grand pour se préoccuper de la forme sous laquelle on l'adore, et que l'observation des lois divines est la seule condition du salut ; il pense, de plus, que celui qui les méconnaît aujourd'hui les observera plus tard, en vertu de la loi du progrès.

Le spiritisme est donc, par sa nature, essentiellement tolérant, puisque nul n'est exclu à tout jamais.

Toutes les religions ont pour base fondamentale : Dieu, l'âme et son avenir. Elles ne diffèrent que dans les croyances accessoires, le mode d'adoration, la forme extérieure du culte. Leur plus grand ennemi, c'est l'incrédulité, puisqu'elle est la négation du principe même, elle rejette la forme et le fond. Le spiritisme, en appuyant ce principe sur des preuves matérielles, est le plus puissant antidote de l'incrédulité ; c'est pourquoi il en triomphe souvent là où la religion échoua. Il porte essentiellement au sentiment religieux et c'est pour cela qu'il vient en aide à la religion minée par l'incrédulité ; mais nous n'avons jamais dit que ce fût au profit de telle ou telle secte, de tel ou tel dogme. Il donne la foi en Dieu et en l'immortalité l'âme à ceux qui ne l'avaient pas ; il la fortifie chez ceux en qui elle était chancelante, mais cela ne suffisait pas aux sectes ; chacune aurait voulu qu'il ne travaillât que pour elle, et qu'il l'aidât combattre les autres ; au lieu donc de l'accueillir comme un auxiliaire contre l'ennemi commun, elles le repoussent, lui jettent l'anathème et la malédiction ; lui prodiguent l'injure, lui ferment la porte de leurs temples ; elles l'ont ainsi forcé se réfugier en lui-même ; et à se constituer... Vous demandez pourquoi il n'est pas resté simple philosophie, c'est vous qui l'avez voulu.

* * *

Lorsque dans le monde, un homme est malade, on lui fait espérer pour l'avenir une meilleure santé.

S'il est ruiné, on lui fait espérer un retour à la fortune.

S'il est victime d'une mauvaise récolte, on lui en fait espérer une meilleure pour l'année suivante.

Dans toutes les misères enfin, on l'encourage, on calme son désespoir par la perspective d'un avenir meilleur. Ce sentiment est instinctif, et c'est ainsi que font les matérialistes.

Quand l'homme atteint le terme de la vie, quelle consolation, quelle compensation aux maux endurés offre le matérialisme ? Pourtant il n'y a plus d'avenir : il offre la perspective du néant.

* * *

La religion consiste dans la foi en Dieu, en la Providence, en l'immortalité de l'âme, en la vie future.

La différence des religions consiste dans la manière d'entendre ces quatre points.

A ces pensées éparses du Maître écrites çà et là, sortant de son cerveau comme des jets de vapeur d'une chaudière bouillante, s'ajoutent des notes et des lettres d'étrangers. Nous y trouvons et publierons avec plaisir cette communication de l'abbé de Lamennais.

Communication obtenue à la suite d'un sermon prêché par l'abbé Lecot, du diocèse de Noyon, dans l'église Notre-Dame de Chauny (Aisne).

Nécessité de la Religion.

La religion est le besoin des peuples, sans elle pas de civilisation possible ni de pouvoir durable ; sans elle les hommes seraient tous criminels ou barbares ; c'est elle qui polit les mœurs, adoucit le langage, qui donne la portion de vie intellectuelle à chacun de vous comme une mère donne à chacun de ses petits la pâture recueillie par elle.

Nous proclamons donc hautement la nécessité de l'esprit religieux, la nécessité de le reconnaître au-dessus de tous pouvoirs qui doivent le suivre et non le devancer. C'est la religion qui relie le ciel la terre, c'est elle qui vient effeuiller sur vous les fleurs si précieuses de l'espérance, c'est elle qui raffermite le cœur d'une mère, c'est elle qui donne l'héroïsme et l'intrépidité de la foi et qui vous empêche de mesurer le danger pour courir sauver vos frères.

Oh ! elle est belle, elle est noble, car elle vient de Dieu ! Elle doit donc être pure, éblouissante et découvrir son sein à chacun, grands et petits ; elle doit rayonner dans chacun de ses interprètes comme la lampe de l'épouse afin que les vierges la voyant de loin la reconnaissent et ne puissent s'en écarter. Elle doit, par leurs mains consacrées par l'huile sainte, s'échapper en un fluide qui guérit les maux, qui redonne, à ceux qui ont la fièvre morale, une nouvelle énergie. La voyez-vous bénir alors, la voyez-vous se régénérer et entrer, simple et candide comme aux premiers jours, dans le sanctuaire, pour offrir à Dieu la blanche colombe et la corbeille de fleurs.

Pompes terrestres, vous détruisez sa candeur, vous cachez sous des habits dorés son véritable visage. Le monde a enfin reconnu cette parole du sage : Vanités, tout n'est que vanités, jusqu'au culte que vous rendez à la Divinité.

Pourquoi ce cachet de grandeur ? Jésus n'est-il pas humble ? pourquoi allez-vous porter la parole de Dieu dans vos palankins modernes. Ainsi que Jésus, le peuple peut-il vous suivre ? non, il vous

aborde en tremblant ; le pauvre s'écarte du chemin pour laisser passer le prélat magnifique ! Mais Dieu a vu et il est juge. Vous avez dénaturé son ouvrage. Directement aux petits il fait entendre sa parole afin que sans orgueil, sans emphase, ils la répandent parmi le peuple qui est devenu l'écho de Dieu.

Signé : LAMENNAIS, ex-prédicant.

* * *

Vouloir, sous prétexte de liberté, exclure toute religion, dire que la liberté est incompatible avec toute religion est aussi déraisonnable que d'imposer une religion à ceux qui n'en veulent pas.

Pour beaucoup de gens, une religion, c'est-à-dire croire à quelque chose, adorer Dieu, est un besoin aussi impérieux, plus impérieux souvent que celui de manger ; pourquoi donc refuser la nourriture spirituelle à ceux qui la veulent, plutôt que la nourriture corporelle.

La liberté, dans ce cas, serait la pire des tyrannies, parce que ce serait la tyrannie de la conscience.

(À suivre.)

ALLAN KARDEC

NOTES MANUSCRITES D'ALLAN KARDEC (*Suite*)

LIBERTÉ DE CONSCIENCE

Du changement de religion.

Toute opinion, toute manière de voir sur un sujet quelconque, est un acte spontané de l'esprit agissant en vertu de son libre arbitre, le résultat de la comparaison qu'il établit entre deux choses ; c'est la comparaison qui lui permet de juger laquelle de ces deux choses lui semble bonne ou mauvaise, qui la lui fait adopter ou rejeter. On se décide à une action, parce que, à tort ou à raison, on la croit meilleure que l'action contraire ; on embrasse une cause, parce qu'on la croit plus juste, plus rationnelle que la cause adverse. Que l'on se trompe ou non, le choix n'en est pas moins le produit d'une délibération de l'esprit. Ce principe s'applique à toutes les circonstances de la vie : aux choses les plus futiles comme aux plus sérieuses. La liberté d'examen est un des attributs essentiels de l'humanité ; sans elle l'homme ne serait qu'une machine ; il ne peut la répudier sans abdiquer la faculté qui le distingue de la brute : la réflexion.

Du droit de libre examen résulte celui de changer d'opinion si l'on reconnaît s'être trompé ; c'est plus qu'un droit : c'est un devoir de le proclamer hautement ; car si l'on est convaincu d'avoir été

dans l'erreur, on est coupable d'y maintenir ceux que l'on a pu y entraîner. Qui songe à blâmer celui qui, par une question controversée adopte, par conviction, une manière de voir contraire à celle qu'il a soutenue ? N'y a-t-il pas du mérite à reconnaître franchement qu'on s'est trompé ? N'est-il pas puéril, au contraire, de persister dans une idée que l'on sait être fausse, uniquement pour n'avoir pas l'air de se contredire ? On croit sauvegarder l'amour-propre, et l'on ne songe pas que l'amour-propre souffrirait bien davantage si l'on savait ce que pense le monde de ces entêtements ridicules qui dénotent encore plus d'orgueil que de véritable savoir.

Mais s'il y a de la vertu, du courage parfois, à changer d'opinion par conviction, il y a toujours bassesse à en changer par calcul ou par intérêt.

En pareil cas, changement d'opinion n'est pas le fait de la légèreté ou de la versatilité, c'est un acte réfléchi de fausseté et d'hypocrisie, car c'est vouloir capter la confiance par des apparences trompeuses. De telles apostasies ont de tout temps été justement flétries.

S'il n'y a nulle honte à renoncer à une opinion que l'on s'est faite pour en adopter une que l'on croit plus juste, à plus forte raison doit-il en être ainsi quand il s'agit d'une croyance imposée, à laquelle notre choix n'a eu aucune part. Ce qui fait pour nous l'autorité d'une religion, ce n'est pas parce que d'autres nous disent qu'elle est la meilleure, ni parce qu'elle a été celle de nos pères, mais parce que, parvenus à l'âge de la réflexion, nous pouvons juger la valeur des principes sur lesquels elle s'appuie. La religion est l'ensemble des croyances que l'on adopte sur des questions d'un certain ordre ; comme les opinions politiques, comme l'adoption de

tel ou tel système philosophique, elle est, quoi que l'on fasse, le fait du libre consentement, et ne peut être imposée. La foi en un dogme résulte de l'appréciation et ne se commande pas. Un enfant peut être élevé dans la religion catholique, juive, protestante ou toute autre, mais il n'est réellement de l'une ou de l'autre que lorsqu'il a pu s'en assimiler les croyances par un acte de sa volonté. On peut se soumettre, par la contrainte ou par l'habitude, à des pratiques extérieures, mais la conviction intime échappe à toute autorité. C'est là une vérité passé à l'état d'axiome.

Ceci n'est vrai, dira-t-on, que pour ceux qui sont capables de raisonner leur foi ; mais combien y en a-t-il qui ne le font pas, ou ne le peuvent pas. — Ceux-là même ne font pas exception à la règle ; s'ils se contentent de l'affirmation d'autrui, sans autre examen, c'est que cela leur convient, et que le principe leur est suffisamment démontré ; ils n'en agissent pas moins par un acte volontaire et libre ; ils croient parce qu'ils veulent croire, et non parce qu'on veut qu'ils croient. Leur foi, pour n'être pas raisonnée, pour n'être même pas toujours raisonnable, n'en est pas moins respectable, du moment qu'elle est sincère. Laissons-les donc à leur croyance tant qu'elle leur suffit ; plus tard, comme l'enfant qui grandit, ils voudront en savoir davantage et comprendre, et c'est alors qu'il serait imprudent et inutile prétendre étouffer en eux la réflexion.

Avec de tels principes, dira-t-on, il y aurait autant de religions que d'individus.

En considérant la chose au point de vue philosophique, on se demande d'où vient l'espèce de réprobation attachée au changement de religion ? Il est évident qu'avec le principe de la liberté de conscience et du libre examen, proclamé avec raison comme une conquête du progrès, cette réprobation est un non sens.

Elle pouvait avoir sa raison d'être à une certaine époque ; elle se conçoit encore dans les pays où la foi est exclusive, parce que le culte officiellement pratiqué et imposé étant considéré comme la seule voie du salut, quiconque s'en écarte est regardé comme un répréhensible, mais elle ne se comprendrait pas dans ceux où la liberté de conscience est de droit commun. Chacun étant libre d'adorer Dieu à sa manière, doit l'être de se rattacher à la croyance qui répond le mieux à ses aspirations ; l'engagement pris pour l'individu, alors qu'il était incapable d'avoir une volonté, ne saurait, ni en droit, ni en équité, ni en logique, le lier en aucune façon ; le simple bon sens dit qu'il est toujours libre de ratifier ou de récuser un contrat conclu sans sa participation.

Son libre arbitre ne peut pas plus être enchaîné, au point de vue religieux, par la foi de son père, qu'il ne peut l'être par leurs opinions politiques ou scientifiques. Ce que l'on cherche dans une religion, c'est la plus grande somme possible de vérités ; si donc, dans notre conscience, la croyance de nos pères nous paraît s'écarter de la vérité, le respect que nous leur portons ne peut aller jusqu'à l'abdication de notre propre jugement, et à l'adoption aveugle de leurs idées par cela seul qu'ils les ont proposées. N'est-il pas plus rationnel, plus moral même, de s'inscrire franchement sous la Bannière de son choix, que de persister à figurer dans les rangs d'une croyance que l'on ne partage pas.

Les idées qui ont longtemps gouverné le monde laissent des impressions qui s'effacent lentement et ne disparaissent qu'après plusieurs générations. Sous l'empire de la foi aveugle, qui exclut tout examen, chaque religion, convaincue d'avoir seule la vérité qui conduit au ciel, considérait les autres religions comme des œuvres sataniques, et ceux qui les professaient comme inévitablement

voués à l'enfer. De cette idée fortement imprimée dans l'esprit des masses et que les ministres de tous les cultes se sont constamment efforcés d'entretenir, est né l'antagonisme religieux, source incessante, comme on le sait, de violences, de luttes et de persécutions. En ces temps de fanatisme, changer de religion n'était pas regardé comme un changement d'opinion, mais comme une désertion à l'ennemi. Bien qu'on voie aujourd'hui les choses d'une manière plus large, cette prévention n'est pas tellement effacée qu'elle n'ait laissé des traces comme ces vieux préjugés qui survivent à la cause qui les a fait naître. Quoique la liberté de conscience ne soit plus contestée en principe, elle n'est pas encore entrée dans les mœurs pratiques de tout le monde ; de même que certains droits politiques, c'est encore un droit monstrueux aux yeux de beaucoup de gens. La défaveur qui s'attache au changement de religion, et qui semble une anomalie dans ce temps de libre examen, est incontestablement un reste des préventions nées de l'antagonisme religieux, et dont ceux-mêmes qui ont secoué le joug des idées exclusives ne sont pas entièrement affranchis. L'esprit qui s'est identifié avec une idée ne s'émancipe que graduellement et avec timidité ; longtemps encore il sacrifie aux préjugés, à l'usage, à la crainte du qu'en dira-t-on ; si ce n'est pour lui, c'est pour les siens.

(A suivre).

ALLAN KARDEC

ANEXOS

A religião e o Espiritismo

Meu caro Paul Leymarie,

A última Revista, edição de outubro, traz-me notas manuscritas do venerável mestre, dotado do mais alto bom senso, Allan Kardec. Essas notas tocam em questões que por mais de trinta anos têm sido, posso dizer, minha única ocupação. Allan Kardec também se pergunta se a religião é ou não necessária, e se o espiritismo não é mais uma religião que procura seu lugar no mundo e que tenta substituir as religiões que afirmam ter cumprido sua missão no seio da humanidade.

Difícilmente podemos argumentar sobre essas coisas se, inicialmente, não nos determos em uma definição mais completa e incontestável da própria palavra *religião*.

Por sua natureza, a religião é aquilo que une, e não que divide os homens; é algo ainda mais: ela dá a cada alma humana o ponto de apoio sobre o qual se pode fundar uma existência e assegurar, àqueles que aí se detém, uma imortalidade indiscutível. É também, para aqueles que são esclarecidos, a doutrina que nos mostra, em meio às trevas mais perturbantes, o objetivo luminoso de uma vida que, em meio às existências intermináveis, tem, por objetivo, realizar as próprias perfeições da divindade.

Infelizmente, tão grandes ideias têm encontrado exploradores, e esses exploradores, aos olhos daqueles que não refletiram a respeito, comprometeram a futuro da religião e rebaixaram o grande ideal que ela tem por objeto realizar em cada homem. É, pois, bem compreensível que no lugar da religião, sobretudo em

nosso tempo, cresça nas massas inconscientes o ateísmo, o materialismo e a irreligião, e isso como uma enchente desmantelada, que é impulsionada pela tempestade, tempestade de paixões, de interesses, de irracionalidades e de loucuras.

O espiritismo, para todos aqueles que o estudaram, é e deve permanecer como a reação contra os exploradores de ideias religiosas e contra todos aqueles que, por causa de seus interesses e suas paixões, fizeram a si mesmos, ao longo dos séculos, adversários de tudo o que consola, de tudo o que moraliza, de tudo o que fortifica e tudo aquilo que, com plena clareza, mostra ao homem quais deveres ele tem de cumprir e qual destino tem a realizar.

Allan Kardec, nas notas que vós publicaste, fez esta demonstração melhor do que eu; mas, melhor ainda, ele o fez em um discurso proferido em 1868 e no qual já se levantava contra as tendências já numerosas de uma irreligião que se fazia presente na alma de pretensos espíritas, que, àquela época, chegavam ao ponto de desejar que uma revolução fosse feita contra a Igreja, não somente sobrepor-se à teimosia e à intolerância clerical, mas também para demolir e arrasar inteiramente os edifícios erguidos à oração e nos quais o culto público e privado encontra o meio de se manifestar com toda a liberdade.

Allan Kardec, a essa época, escreveu que tal pensamento não poderia ter nascido senão no cérebro de homens irrefletidos, jamais tendo questionado todos esses magníficos edifícios, que eram a esperança e o consolo dos deserdados e de todas as almas provadas pelo infortúnio e as maiores iniquidades sociais.

Julga-se mal as religiões se elas forem julgadas apenas por seus exploradores, apenas pelo abuso da dominação sacerdotal inútil e

os crimes pelos quais a religião não pode assumir a responsabilidade, de que somente são responsáveis os falsos padres, falsos monges e todos aqueles que, hipocritamente, adornaram-se com o belo nome de cristãos.

Em seu radicalismo — diz Allan Kardec — os adversários dos edifícios religiosos e da própria religião, acham até que seria preferível construir hospícios a edificar templos. Não estaria o templo de Deus em todo lugar? Não poderia Deus ser adorado em toda parte? Não poderia ele ser venerado na casa de quem quer que seja e a qualquer hora? De que adianta esses vitrais soberbos, essas pedras de mármore montadas em cima umas das outras, essas esculturas, essas pinturas, essas estátuas, esses padres vestidos com vestes brancas e casacos de seda, em ouro e prata, essas velas acesas em pleno meio-dia? Não podemos, para adorar a Deus, dispensar todas essas coisas?

O bom senso de Allan Kardec responde a essas múltiplas interrogações e vê, no culto e nos monumentos religiosos, coisas tão necessárias quanto — e talvez até mais do que — hospitais ou jardins públicos. Ele admite muito bem que os materialistas teimam em tais pensamentos, mas não pode admitir que os espíritas façam o mesmo. As massas — diz ele — carecem de um estimulante, e até mesmo os mais instruídos, os melhores, não o podem dispensar. Pois quem é o homem que pode se dizer que nada está acima dele e que seu dever não seja se curvar e adorar o poder superior que, no final das contas, domina e governa todo o universo?!

Está demonstrado, portanto, senão que o espiritismo é uma religião, pelo menos que ele não tem por objeto destruir o que as religiões representam de verdades eternas indiscutíveis.

Mas, ele é uma religião? Não, não pode ser e jamais teve a pretensão de ser uma religião. É, nestes tempos modernos, a terceira e derradeira manifestação de um espírito de verdade, anunciado e prometido por Cristo, e que, nas religiões, mesmo projetando sua luz, ilumina a todos eles e, afastando as trevas e afugentando os exploradores, reveste a todos do caráter que é a sua característica e quer que todos contribuam para o desenvolvimento das faculdades do nosso ser espiritual e para uma vida perfeita, cujo último estágio é a conquista de uma plenitude de seres que faz com que cada um de nós se sinta vivo em tudo o que seja.

O espiritismo não pode ser nem católico, nem protestante, nem judeu e nem mulçumano. Ele é e deve permanecer o vínculo entre todas as crenças e ser a religião, não uma religião.

Há, entretanto, no meio de todas as religiões que compartilham o mundo dos crentes, algumas religiões que mais se aproximam daquilo que o espiritismo tem por missão fazer valer e triunfar.

Assim, a prova da nossa imortalidade, da certeza de uma intensa vida além-túmulo, a demonstração científica da existência de Deus, a eficácia da prece e especialmente a prece pela reparação das falhas cometidas na terra, que é benéfica tanto para as almas dos mortos quanto para as almas dos vivos, a comunhão dos santos — isto é, a prova de que quanto mais a alma humana carrega no outro mundo boas ação, mais ela é apta a servir aos nossos interesses espirituais tornando-se, pela vontade de Deus, nosso próprio anjo guardião, nosso protetor invisível, tanto do ponto de vista das necessidades do indivíduo quanto daquelas das cidades, como se acreditava na Antiguidade e como ainda acreditam os

povos que não perderam a chave dos mistérios e do caminho que leva ao santuário onde os espíritos puros se refugiaram.

Eu vos agradeço, enfim, meu caro Paul Leymarie, por me lembrar de todas essas ideias pela publicação das anotações manuscritas do nosso venerável mestre Allan Kardec. Penso que os espíritas da minha geração devem ter se regozijado, como eu, por ver o mestre sair da tumba para lembrá-los qual tinha sido sua concepção religiosa do espiritismo e como era importante continuar a compreendê-la.

Crede-me vosso irmão e amigo, e lembrai-vos que, entre os espíritas, sou um daqueles que não cessaram — malgrado os ataques dos quais eles nunca deixaram de ser objeto — de confessar que existe um Deus, que este Deus é pessoal, que ele está vivo, que nos ouve e nos vê, que nos perdoa as faltas mais do que merecemos; que somos imortais, que vivemos e reviveremos, que a vida atual prepara a vida futura, e que o reino de Deus realizar-se-á na terra como no céu, e que este reino será para sempre o reino da justiça, do amor e da verdade.

Eis toda a revelação espírita; ninguém deve procurar outra coisa no Espiritismo.

P. VERDAD-LESSARD⁶

⁶ Paul Verdad-Lessard: discípulo e continuador da obra do jornalista, maçom e filósofo espiritualista Charles Fauvety (dirigente da Sociedade do Livre-Pensamento Religioso, com sede no mesmo endereço da Sociedade Anônima para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec então dirigida por Pierre-Gaëtan Leymarie), notadamente na ideia de uma “religião laica”, fundada sobre os princípios de um deus panteísta e a imortalidade da alma como uma probabilidade; publicou diversos trabalhos, dentre os quais *Arguments contre le peine de mort* (*Argumentos contra a pena de morte*) de 1907, além de dirigir o periódico *Religion Universelle* (*Religião Universal*); desde a gestão Pierre Leymarie, seu nome aparece em várias edições da *Revista Espírita*, praticamente sempre no entorno do tema religião — N. E.

La Religion et le Spiritisme

Mon cher Paul Leymarie,

La dernière Revue, celle d'octobre, m'apporte des notes manuscrites du vénéré maître, doué du plus grand bon sens, Allan Kardec. Ces notes touchent à des questions qui ont fait, depuis plus de trente ans, je puis dire mon unique occupation. Allan Kardec se demande, lui aussi, si la religion est ou n'est pas nécessaire, et si le spiritisme n'est pas une autre religion qui cherche sa place dans le monde et qui essaie de remplacer les religions qu'on prétend avoir terminé leur mission au sein de l'humanité.

On ne peut guère raisonner sur ces choses si, de prime abord, on ne s'arrête à une définition très complète et non contestable du mot *religion* lui-même.

La religion est de sa nature ce qui unit et non ce qui divise les hommes ; elle est quelque chose de plus encore : elle donne à chaque âme humaine le point d'appui sur lequel on peut fonder une existence et assurer, pour ceux qui s'y arrêtent, une immortalité non discutable. Elle est encore, pour ceux qui sont éclairés, la doctrine qui nous montre, au milieu des plus troublantes ténèbres, le but lumineux d'une vie qui, au milieu d'existences sans fin, a, pour objet, de réaliser les perfections mêmes de la divinité.

Malheureusement de si grandes idées ont trouvé des exploiters, et ces exploiters, aux yeux de ceux qui ne réfléchissent pas, ont compromis l'avenir de la religion et abaissé

le grand idéal qu'elle a pour objet de faire réaliser à chaque homme. Il est donc très compréhensible qu'à la place de la religion, de notre temps surtout, monte, chez les foules inconscientes, l'athéisme, le matérialisme et l'irréligion, et cela comme un flot démonté qui est poussé par la tempête, tempête de passions, d'intérêts, d'irraisonnements et de folies.

Le spiritisme, pour tous ceux qui l'ont étudié, est et doit rester la réaction à la fois contre les exploiters des idées religieuses et contre tous ceux qui, à cause de leurs intérêts et de leurs passions, se sont faits, à travers les siècles, les adversaires de tout ce qui console, de tout ce qui moralise, de tout ce qui fortifie, et de tout ce qui, en pleine clarté, montre à l'homme quels devoirs il a à remplir, quelle destinée il a à réaliser.

Allan Kardec, dans les notes que vous avez publiées, fait mieux que moi cette démonstration ; mais, bien mieux encore, il l'a fait, dans un discours prononcé en 1868 et où, déjà, il s'élève contre les tendances trop nombreuses d'une irréligion qui se fait jour dans l'âme de prétendus spirites, qui, à cette époque, allaient jusqu'à désirer qu'une révolution se fît contre l'Église, non seulement pour avoir raison de l'entêtement et de l'intolérance cléricaux, mais encore pour démolir et raser entièrement les édifices élevés à la prière et dans lesquels le culte public et privé trouve le moyen de se manifester en toute liberté.

Allan Kardec, à cette date, écrivait qu'une telle pensée n'avait pu naître que dans le cerveau d'hommes irréfléchis, n'ayant jamais interrogé tous ces magnifiques édifices, qui ont été l'espérance et la consolation des déshérités et de toutes les âmes éprouvées par le malheur et les trop grandes iniquités sociales.

On juge mal les religions si on ne les juge que par leurs

exploiteurs, que par l'abus d'une domination sacerdotale inutile, que par des crimes dont la religion ne peut prendre la responsabilité, et dont seuls sont responsables les faux prêtres, les faux moines et tous ceux qui, hypocritement, se sont parés du beau nom de chrétiens.

Dans leur radicalisme, dit Allan Kardec, les adversaires des édifices religieux et de la religion elle-même pensent qu'il vaudrait mieux construire des hospices que d'édifier des temples. Le temple de Dieu n'est-il pas partout ? Dieu ne peut-il pas être adoré partout ? Ne peut-il être prié chez soi et à toute heure ? A quoi bon ces vitraux superbes, ces pierres de marbre montées les unes sur les autres, ces sculptures, ces peintures, ces statues, ces prêtres vêtus de robes blanches et de manteaux de soie, d'or et d'argent, ces cierges allumés en plein midi ? Ne peut-on pas, pour adorer Dieu, se passer de toutes ces choses ?

Le bon sens d'Allan Kardec répond à ces interrogations multiples, et voit, dans le culte et les monuments religieux, des choses aussi nécessaires, sinon plus que les hôpitaux ou les jardins publics. Il admet très bien que des matérialistes entretiennent de telles pensées, mais ne peut admettre que des spirites en fassent autant. Les masses, dit-il, ont besoin d'un stimulant et même les plus instruits, les meilleurs ne peuvent s'en passer. Car quel est l'homme qui puisse se dire que rien n'est au-dessus de lui et que son devoir n'est pas de s'incliner et d'adorer la puissance supérieure qui, en fin de compte, domine et gouverne l'univers entier.

Il est donc démontré, sinon que le spiritisme est une religion, du moins qu'il n'a pas pour objet de détruire ce que les religions représentent de vérités éternelles indiscutables.

Mais est-il une religion ? Non, il ne peut pas, et n'a jamais eu la prétention d'être une religion. Il est, dans les temps modernes, la troisième et dernière manifestation d'un esprit de vérité, annoncé et promis par le Christ, et qui, dans les religions, même projetant sa lumière, les éclaire toutes et en en chassant les ténèbres et en en faisant fuir les exploités, les revêt toutes du caractère qui est leur caractéristique et qui veut qu'elles concourent⁷ toutes au développement des facultés de notre être spirituel et d'une vie parfaite dont le terme ultime est la conquête d'une plénitude d'êtres qui fait que chacun de nous se sent vivre dans tout ce qui est.

Le spiritisme ne peut être ni catholique, ni protestant, ni juif, ni musulman. Il est et doit rester le lien unissant tous les croyants et être la religion et non une religion.

Il est, cependant, au milieu de toutes les religions qui se partagent le monde des croyants, quelques religions qui se rapprochent davantage de ce que le spiritisme a pour mission de faire valoir et de faire triompher.

Ainsi la preuve de notre immortalité, la certitude d'une vie d'outre-tombe intense, la démonstration scientifique de l'existence de Dieu, l'efficacité la prière et particulièrement de la prière pour le rachat des fautes commises sur la terre, ce qui est profitable à l'âme des morts comme à celle des vivants, la communion des saints, c'est-à-dire la preuve que plus l'âme humaine emporte dans l'autre monde de bonnes actions, plus elle est apte à servir nos intérêts spirituels en devenant, de par la volonté de Dieu, notre

⁷ No original, "concouren", portanto, omitindo a necessária letra "t" final para compor corretamente a flexão verbal; certamente um descuido na montagem tipográfica da revista — N. E.

propre ange gardien, notre protecteur invisible, tant au point de vue des besoins de l'individu que de ceux des cités, comme l'a cru d'ailleurs l'antiquité et comme le croient encore les peuples qui n'ont pas perdu la clef des mystères ni le chemin qui conduit au sanctuaire où les purs esprits se sont réfugiés.

Je vous remercie donc, mon cher Paul Leymarie, de m'avoir rappelé toutes ces idées par la publication des notes manuscrites de notre vénéré maître Allan Kardec. Je pense que les spirites qui ont mon âge ont dû se réjouir comme moi de voir le maître sortir du tombeau pour leur rappeler quelle avait été sa conception religieuse du spiritisme et de quelle manière il importait de continuer à la comprendre.

Croyez-moi votre frère et ami, et rappelez-vous que, parmi les spirites, je suis de ceux qui n'ont cessé, malgré les attaques dont ils n'ont cessé d'être l'objet, de confesser qu'il y a un Dieu, que ce Dieu est personnel, qu'il est vivant, qu'il nous entend et nous voit, qu'il nous pardonne nos fautes plus que nous ne le méritons ; que nous sommes immortels, que nous avons vécu et revivrons, que la vie actuelle prépare la vie future, et que le règne de Dieu se réalisera sur la terre comme au ciel, et que ce règne sera pour tous le règne de la justice, de l'amour et de la vérité.

C'est là la révélation spirite tout entière ; nul ne doit chercher autre chose dans le spiritisme.

P. VERDAD-LESSARD

Análise textual dos documentos

Por **Luís Jorge Lira Neto**

Apresentação da Análise Textual

A *Revista Espírita* do ano de 1908, sucessora da revista de Allan Kardec, nessa fase sob a administração de Paul Leymarie, publicou três textos nos exemplares do mês de outubro, novembro e dezembro, com o conteúdo de notas manuscritas inéditas de Allan Kardec, versando sobre um *Estudo das Religiões*, desenvolvido para um “Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita”.

No fascículo de outubro de 1908 da *Revista* (p. 590) foi publicado o primeiro texto. Os editores fizeram um preâmbulo com o título “Estudo das Religiões” e apresentaram um índice com os seguintes itens: I. Introdução; II. Necessidade de uma religião - Recrudescimento do materialismo; III. Liberdade de consciência - Direito de mudar de religião e; IV. Decadência das religiões, e em seguida o texto do primeiro item, “Introdução”. No mês seguinte, novembro (p. 677), saiu o segundo texto com o título “Influência do Espiritismo para a destruição da incredulidade”, que versa sobre o assunto do item II do índice, incluindo uma mensagem de

Lamennais⁸, espírito, sobre a *Necessidade da Religião*. Por fim, no fascículo de dezembro (p. 742) foi lançado o texto do item terceiro do índice e publicado uma carta do leitor P. Verdad-Lessard, sobre os manuscritos de Kardec, que os editores intitularam “A Religião e o Espiritismo”. Não foi encontrado nos meses do ano seguinte (1909) o último item do índice, “Decadência das Religiões”.

Análise das fontes textuais

A Análise de fontes históricas requer a aplicação de técnicas, métodos e procedimentos, definidos em metodologia científica de pesquisa, utilizados pelos historiadores. Em geral, para fontes históricas textuais, busca-se conhecer a intencionalidade do autor, a autenticidade e originalidade da fonte, a provável data de sua elaboração e divulgação, o contexto histórico do documento, a finalidade de sua produção, em suma, responder aos seguintes questionamentos: quem, onde, quando, como, porque, para quem e em que contexto foi produzido o documento, mas não se limitando a isto.

A presente análise foi dividida em três etapas, a fim de identificar a plausibilidade da autoria de Kardec, bem como o contexto da sua publicação:

- I. Análise dos textos;
- II. Contexto à época de Kardec e;
- III. Contexto à época da publicação na *Revista Espírita* de 1908.

⁸ Hugues Felicité Robert de Lamennais (19/06/1782 – 27/02/1854) foi filósofo, político, tradutor, clérigo, sacerdote, teólogo e presbítero da Igreja Católica. Junto com outros liberais, fundou o jornal *L'Avenir*. Deixou o sacerdócio para defender seus posicionamentos democráticos. Ver em Wikipedia - a enciclopédia livre, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lamennais>. Acessado em 22/07/2021.

I. Análise dos textos

Decidiu-se seccionar os textos e notas dos manuscritos e observações dos editores, em partes que representassem ideias definidas, a fim de facilitar a busca por textos sabidamente de Kardec, que tivessem similaridades de conteúdo com as notas manuscritas publicadas na *Revista* de 1908. O comparativo desses segmentos foi realizado com textos da *Revista Espírita*, do período 1858 a 1869, do livro *Viagem Espírita* de 1862 e em *Obras Póstumas*, todos da lavra de Kardec ou atribuído a ele e extraídos de obras publicadas pela Federação Espírita Brasileira, com tradução de Evandro Noletto Bezerra.

Utilizou-se um sistema de referência alfanumérico para os segmentos de texto, com a primeira letra indicativa do texto ou Nota e numeração sequencial:

T1.n – Texto primeiro dos manuscritos, *Introdução*, numerado de 01 - 24

T2.n – Texto segundo dos manuscritos, *Influência do Espiritismo*, numerado de 01 - 10

T3.n – Texto terceiro dos manuscritos, *Liberdade de Consciência*, numerado de 01 - 10

T4.n – Texto da carta de P. Verdad-Lessard, de 01 - 19

Nn.n – Notas atribuídas à Kardec, numeradas de 01 - 08

On - Observações dos editores, números sequenciais de 01 até 11.

Texto 1 – *Introdução, Revista Espírita 1908 OUT (p.590)*: Em 24 seções, 21 delas foram identificadas 22 correlações com escritos constantes: *Revista Espírita* de 1859 (1), 1860 (1), 1861 (1), 1863 (1), 1864 (4), 1866 (3), 1868 (7), *Viagem Espírita* 1862 (3), *Obras Póstumas* (1). Destaque para os seguintes artigos:

- “Refutação de um Artigo do *L’Univers*”, do Abade Chesnel de RE⁹ maio de 1859 (p. 196-208);
- “Discurso do Sr. Allan Kardec” aos Lioneses da RE outubro de 1861 (p. 430-439);
- “Religião e Progresso” de RE julho de 1864 (p. 270) e;
- “O Espiritismo é uma Religião?” de RE dezembro de 1868 (p. 483-495).

As correlações, que estão em formato de comentários no próprio texto, sugerem forte correspondência com textos de Kardec. Percebe-se que o assunto religião permeou o período entre 1859 e 1868, e essas discussões foram, em parte, transpostas para a *Revista Espírita*, evidenciando a evolução do pensamento de Kardec em relação ao sentido religioso do Espiritismo, ao ponto de fazê-lo esboçar, nos manuscritos, a constituição de uma Religião “derivada do Espiritismo”. As seções onde não se identificou correlação (T19, T20 e T24) foram justamente as que explicitaram a constituição da “Religião do Progresso”, que teria como base os princípios espíritas, mas não se restringiria aos mesmos, iria em busca de “descobertas ou doutrinas” que tivessem verdades e fossem ancoradas no progresso.

NOTA 1 e 3: não se identificou correlação; NOTA 2: das 8 seções identificadas 2 correlações: RE 1861 outubro e RE 1868 janeiro; NOTA 4: das 2 seções identificadas 2 correlações: RE 1864 julho e RE 1868 janeiro; NOTA 5: identificada uma correlação: RE 1862 fevereiro. Os assuntos dessas Notas corroboram com a assertiva dos Editores de que colocaram “as notas que parecem se referir à cada capítulo”, mais do que isto, prepararam o leitor para o assunto do Texto 2.

⁹ Abreviação que doravante adotamos para *Revista Espírita* — N. E.

Texto 2 – *Influência do Espiritismo para a destruição da incredulidade*, RE 1908 NOV (p. 677): seccionado em 10 partes. Em 5 seções foram identificadas 6 correlações com escritos constantes: RE 1859 (1), 1863 (2), 1868 (2), OP (1). O segundo texto é a uma tese na defesa do Espiritismo como um poderoso auxiliar das religiões no combate à incredulidade, por desenvolver o sentimento religioso nas pessoas incrédulas. Mas, se observa, que o texto faz a defesa do Espiritismo enquanto uma religião tolerante e mais capacitada do que as outras para responder aos desafios da incredulidade. Para reforçar o argumento da criação de uma religião, os editores colocaram¹⁰ uma mensagem atribuída ao espírito Lamennais intitulada “Necessidade da Religião”, cujo teor e o estilo lírico caracteriza o autor espiritual, correlacionada à mensagem “Meditações Filosóficas e Religiosas” inserida na RE 1861 dezembro, p. 563.

NOTA 6 e 8: sem identificação de correlação; NOTA 7: identificada uma correlação: RE 1861 outubro. Os assuntos dessas Notas não são correlatos com o Texto 2.

Texto 3 – *Liberdade de Consciência*, RE 1908 DEZ (p.742): *Da troca de religião*: seccionado em 10 partes, em 5 seções foram identificadas 6 correlações com escritos constantes: RE 1867 (5), 1868 (1). Destaque para o artigo “Livre-Pensamento e Livre-Consciência” de fevereiro da RE 1867, p.57.

O terceiro texto disserta sobre a escolha de uma religião de

¹⁰ Victor-Lucien-Sulpice Lécot (8/1/1831 – 19/12/1908) foi um arcebispo francês e cardeal do Igreja católica romana. Em 10.06.1886, foi nomeado bispo de Dijon pelo Papa Leão XIII e o nomeou Cardeal-presbítero de Santa Pudenciana. Participou do Conclave de 1903, que elegeu o Papa Pio X. Ver em Wikipedia - a enciclopédia livre, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor-Lucien-Sulpice_L%C3%A9cot. Acessado em 22/07/2021.

acordo com a liberdade de consciência, inclusive a liberdade de troca de crença em ato voluntário e não por uma indicação ou de seguir a religião lhe fora introduzida no nascimento pelos pais. Uma tese de preparação para reforçar o uso do livre-arbítrio como elemento chave na escolha de uma religião mais concernente com o progresso da humanidade, tratado nos textos anteriores.

Texto 4 – *A Religião e o Espiritismo*, RE 1908 DEZ (p.739): Esse texto é uma carta de um correspondente da RE, Sr. P. Verdad-Lessard. Das 19 partes foram identificadas 11 correlações com escritos de Kardec constantes: RE 1865 (1), 1867 (1), 1868 (8), OP (1). Destaque para o texto “O Espiritismo é uma Religião?” de dezembro de 1868 (p. 483-495). Outro fato que chama atenção é que o missivista publicou um livro intitulado *O Espírito Consolador ou A Lâmpada do Santuário*, cuja extensa resenha, foi republicada na RE 1908, julho p. 305, sendo bastante favorável ao autor que se coloca como um gnóstico. A título de informação foi extraído o seguinte texto desta resenha “ ‘*O Espírito Consolador*’ é o apelo que uma alma cheia de ideais se dirige à humanidade, prisioneira da religião ortodoxa, do pensamento positivo livre e de uma ciência mal interpretada”.

O Texto, apesar de ser uma carta de um correspondente da RE, o Sr. P. Verdad-Lessard, está correlacionado com o discurso proferido por Allan Kardec, na sessão anual comemorativa dos mortos, inserido na *Revista Espírita* de dezembro de 1868, intitulado “O Espiritismo é uma Religião?”, conforme o próprio missivista referenciou na sua carta.

Observações dos Editores – Informaram que encontraram manuscritos atribuídos à Kardec, referentes a um Estudo das

Religiões, e que não os incineraram porque resolveram ler a fim de extrair informações interessantes para os assinantes da *Revista Espírita*. Disseram, ainda, que as folhas estavam manchadas e misturadas e, que dentre diversos textos desse assunto, publicariam apenas quatro e que estes e as notas apensadas não seguiam uma possível ordem estabelecida por Kardec. Inseriram uma mensagem do Espírito Lamennais, sem data, e uma carta de um leitor da Revista.

Alguns questionamentos surgem sobre essas observações:

Os Editores passaram a impressão de que a descoberta foi ao acaso, mas é sabido que existiam, à época, na sede da *Revista Espírita* grande quantidade de manuscritos do mestre.

Explicaram que quase incineraram esse material, o que seria um grave prejuízo histórico-doutrinário e aguça as críticas realizadas no final do século 19, sobre a ação de queima de documentos relativos à Kardec e ao movimento espírita.¹¹

A principal motivação dos Editores em dar publicidade a estes manuscritos foi extrair informações para os assinantes da *Revista Espírita*, em contrapartida ao profundo significado do tema religião para o movimento espírita da época e seguintes. Observa-se que no início do século 20, a *Revista Espírita* publicava vários estudos sobre religiões.

II – Contexto do assunto à época de Kardec

É fato observável que o assunto religião permeou grande parte

¹¹ Ver a obra FROPO, Berthe, *Muita Luz (Beaucoup de Lumière)*, tradução de Ery Lopes e Rogério Miguez. Versão digital revisada em dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/L158.pdf>. Acessado em 22/07/2021.

das discussões de Allan Kardec através da *Revista Espírita*, que a utilizava para refutar críticas, dar opiniões e definir o sentido religioso do Espiritismo. Os artigos mais relevantes foram destacados no item Texto 1 desta análise. Um grande auxiliar nas análises documentais são as fontes primárias dos manuscritos originais que estão vindo à lume, destaca-se o manuscrito datado de 05 de março de 1865¹², no qual o Espírito da Verdade informa à Kardec a estrutura das obras doutrinárias do Espiritismo, dentre estas haveria uma intitulada “A Religião Segundo o Espiritismo”. E o manuscrito de 02 de dezembro de 1866¹³, de importância fundamental para o tema Religião e Espiritismo, é uma prece de Kardec, segue transcrito pela sua importância (***grifo nosso***):

2 de dezembro de 1866.

Senhor Deus Todo-Poderoso,

*Quanto mais medito sobre o objetivo final do espiritista,¹⁴ **que é sua constituição em religião**, mais eu sinto minhas ideias se aclararem e o plano se delinear, sem dúvida graças à assistência de vossos mensageiros; porém, mais também eu sinto quanto esse trabalho exige calma e meditações sérias.*

*Se me julgais digno, Senhor, de uma tal tarefa, fazei, peço-vos, que eu possa ter a tranquilidade necessária. **Se as circunstâncias me obrigarem a me expatriar**, peço que os bons Espíritos preparem os caminhos para que eu possa, em meu retiro, dedicar-me sem problemas*

¹² Manuscrito Inédito de Allan Kardec *Espírito Dr. Demeure e Espírito da Verdade*, disponibilizado pelo AllanKardec.online - Historiografia do Espiritismo (AKOL), no endereço: <https://www.facebook.com/allankardec.online/posts/157965885817303>.

¹³ *Prece de Allan Kardec*, disponível em: <http://projetokardec.ufjf.br/item-pt/?id=179>. Acesso em: 22/07/2021.

¹⁴ Colocamos aqui o termo adjetivado “espiritista” exatamente em correspondência ao que consta no manuscrito, em francês (“spiritiste”), mas considerando a possibilidade de Kardec ter se equivocado, sendo o termo mais sugestivo — pelo contexto do manuscrito — o substantivo “espiritismo” (“spiritisme”) — Nota do Editor.

a esses trabalhos. Dai-me sobretudo saúde, assim como a Amélie.

*Quanto ao local do retiro, **tenho em vista Locarno**¹⁵, que me parece reunir as melhores condições; sobre isso, porém, seguirei os conselhos dos Bons Espíritos. Parece-me útil, antes de partir, ter feito o volume da Gênese.*

Peço aos Bons Espíritos que me assistam e me deem o tempo e as forças que me são indispensáveis.

Ver-se pelo manuscrito acima que Kardec rogava à Deus forças para constituir o Espiritismo em uma religião, apesar de não ter tido tempo suficiente para elaborar a obra “A Religião Segundo o Espiritismo”, o mestre deveria estar trabalhando no esboço, com coleta de informações, elaboração de notas e de textos que viriam a compor a base do estudo, e conseqüentemente os primeiros passos na consolidação de uma religião. Portanto, esses manuscritos acima referidos corroboram com a hipótese de que os textos seriam de autoria de Allan Kardec.

III – Contexto do assunto à época da publicação na *Revista Espírita* de 1908

Pergunta-se por que a publicação cinquenta anos depois desses manuscritos referentes ao sentido religioso do Espiritismo, segundo seus editores Paul Leymarie e Léopold Dauvil. Ao pesquisar a *Revista Espírita* de 1908 foram encontradas pelo menos três pistas:

¹⁵ Cidade turística da Suíça, no Cantão Tessino, às margens do Lago Maggiore. Ver na Wikipédia, disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Locarno>. Acessado em 22/07/2021.

1ª. A RE publicou 33 artigos de 1905 a 1908 de um estudo bíblico assinado por Senex. Um estudo comparativo com os evangelhos das religiões antigas do mundo: Hinduísmo, Zoroastrismo, Budismo, Egípcia e Grega.

2ª. No mês de abril (p.245) tem um artigo sobre uma circular com proposta de fundação de uma Igreja Espírita (Igreja do Espírito Santo), à semelhança da estrutura da Igreja Católica, com templos, bispos, padres, coleta de ajuda financeira e material, com base em orientações dadas pelo “Espírito da Verdade”. Esta proposta foi refutada pelo editor chefe da revista, Sr. Léopold Dauvil, observando o ridículo que seria essa religião frente aos princípios espíritas.

3ª. Em dezembro (p. 732) foi divulgado um artigo sobre “A Missão do Espiritismo no Século XX”, assinado pelo General H.-C. Fix, do qual foi extraído o texto abaixo, de conteúdo bem semelhante aos textos publicados atribuídos à Kardec:

Uma nova doutrina, pura, elevada, completa, baseada na ciência e na razão, acessível a todas as inteligências, infiltrando-se nas veias do corpo social por todos os meios de propaganda e, finalmente, através da educação, só pode parar a decadência.

E essa doutrina é a doutrina espírita, pois, sozinha, ela salvaguarda a dignidade humana, fornece uma base para a moralidade, satisfaz tanto o sentimento e a razão, ao reunir, em uma única síntese, a ciência, a filosofia e a religião.

Percebe-se que o assunto religião era relevante, no início do século 20, com vários artigos de estudos e de discussão sobre os Evangelhos, o sentido religioso do Espiritismo e essa proposta esdrúxula da criação de uma igreja espírita à feição da Igreja Católica. Mas, o que mais chama atenção é o último artigo sobre a Missão do Espiritismo no Século 20, pela identidade com o primeiro

Texto atribuído à Kardec. O que leva a inferir que os editores aproveitaram o momento, por entenderem propício, para apresentar esses manuscritos, depois de mais de 50 anos, afirmando o pensamento de Kardec com relação a institucionalização de uma Religião com base na Doutrina Espírita.

NOTAS MANUSCRITAS ALLAN-KARDEC

(01) Tivemos a sorte de encontrar, em meio a velhos papéis que em grande parte datam de meio século, uma quantidade de folhas manuscritas de Allan Kardec.

(02) Ao invés de lhes incinerar, nosso editor, respeitosamente, dispôs-se a lê-los, a fim de extrair aquilo que deles poderia oferecer algum interesse para os assinantes da *Revista Espírita*.

(03) O conjunto dessas notas forma um estudo sucinto das Religiões, divididos em quatro capítulos, ou melhor, quatro coleções de notas sob uma mesma capa, que ele intitulou:

Estudo das Religiões

- I. Introdução.
- II. Necessidade de uma religião. Recrudescimento do materialismo.
- III. Liberdade de consciência. Direito de mudar de religião.
- IV. Decadência das religiões.

(04) Não pretendemos publicar todas essas notas que compunham para o Mestre os diversos materiais que ele reuniu no entorno do trabalho para levantar uma obra que ele não teve tempo de edificar.

(05) Daremos um certo número de páginas aos nossos leitores que experimentarão, ao reler as antigas notas de Allan Kardec, o sabor

que encontramos em uma fruta que não degustávamos desde muito tempo.

(06) Não afirmamos que essas páginas serão apresentadas na ordem que o escritor mesmo teve que estabelecer, nem que estarão em seu lugar as numerosas notas que a elas estão anexadas, mas extrairemos o melhor delas a fim de compor alguns artigos que farão compreender a ideia do grande filósofo que foi o iniciador e propagador do Espiritismo.

(07) Separaremos por asteriscos as notas que parecem se referir à cada capítulo e que têm esse grande valor a nossos olhos que, saindo de seu cérebro, foram traçadas por sua mão.

(08) Enfim, o leitor considerará que essas ideias foram emitidas há 50 anos e que desde que Allan Kardec as lançou na terra, elas brotaram.

A REDAÇÃO.

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita

TEXTO 1 - INTRODUÇÃO

(T1.1) Quando os Espíritos vieram revelar aos homens as novas leis da natureza que fizeram do espiritismo uma doutrina, eles disseram: "Eis os princípios; cabe a vós elaborá-los e lhes deduzir as aplicações". O que muitas vezes fizemos sobre as questões científicas, agora estamos fazendo sobre a questão religiosa. Era também uma opinião geral que o espiritismo, cedo ou mais tarde, levaria a uma modificação nas crenças; no entanto, quando dissemos que ele não era uma religião, estávamos certos e de forma

alguma em contradição com o que estamos fazendo hoje.

RE 1868 DEZ (p.491)

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da ideia de culto; porque ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem.

(T1.2) O espiritismo, com efeito, não é, por si mesmo, senão uma doutrina filosófica alicerçada sobre fatos exatos e leis naturais então desconhecidas; mas por sua essência, essa doutrina, ao modificar profundamente as ideias, toca em todas as questões sociais, e, por consequência, na questão religiosa, como todas as outras.

RE 1866 SET (p.355)

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca em todas as questões humanitárias.

(T1.3) Todas as filosofias não se ocupam com isso — já que elas discorrem sobre as bases de todas as religiões, ou seja, Deus, a origem e a natureza da alma? A filosofia materialista também não se ocupa com isso do ponto de vista da negação, como o panteísmo, através de seu sistema de fusão no todo universal? É até impossível que uma filosofia não aborde essas questões de uma forma ou de outra.

RE 1866 SET (p.355)

(...) desde que é de sua essência discutir as bases mesmas de todas as religiões: Deus e a natureza da alma.

(T1.4) O espiritismo poderia, portanto, ocupar-se com esse assunto, a seu modo, com a ajuda dos elementos novos que precede; mas isso não é o que constitui uma religião, caso contrário

todas as filosofias seriam religiões.

RE 1866 SET (p.355)

(...) porque, da mesma maneira, todas as filosofias seriam religiões.

(T1.5) O espiritismo, em sua acepção original mais simples, consiste na crença nas relações que podem se estabelecer entre os vivos e as almas, ou Espíritos, daqueles que viveram; daí a prova concreta da existência, da sobrevivência e da individualidade da alma — base de toda religião.

RE 1863 SET (p.375)

Há mais. Considerando-se que as comunicações de além-túmulo são úteis para combater a incredulidade sobre a base fundamental da religião: a existência e a imortalidade da alma; (...)

(T1.6) Qualquer um que admita esse princípio é espírita, e como ele é independente dos dogmas, estávamos certos quando dissemos que se poderia ser católico, judeu ou protestante e ao mesmo tempo espírita; e a prova disso é que ele recrutou em todas as seitas, sem exceção nem do islamismo, adeptos que não têm, por conta disso, renunciado a suas crenças particulares, nem à prática dos deveres de seu culto.

RE 1861 OUT (p.436)

A prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos. O Espiritismo repousa sobre a possibilidade de comunicação com o mundo invisível, isto é, com as almas.

(T1.7) Foi mesmo, sobretudo no início, um ponto muito essencial a ser ressaltado para não ferir as consciências temerosas. Em ferindo, desde o princípio, as ideias recebidas, o espiritismo teria alienado a simpatia de incontáveis indivíduos que se tornaram seus adeptos. Teria sido, portanto, clara imprudência e imprevisão proclamar sua

incompatibilidade com as crenças religiosas e dizer àqueles que vieram até nós com alguma hesitação: vós não podeis ser espírita se não abjurardes vossa fé.

VIAGEM ESPÍRITA 1862 (p.139)

Como ninguém abjura sua religião ao participar de uma reunião espírita, cada um, no seu íntimo e mentalmente, faça a prece que julgar conveniente; mas que nada haja de ostensivo e, sobretudo, nada de oficial.

(T1.8) Teria sido um sinal constrangedor, e isto é o que não compreenderam aqueles que assim o fizeram por conta de um zelo muito pouco pensado. Ao fazer franca cisão com as diversas comunhões, o espiritismo teria se isolado, enfraquecido, e aí teria experimentado um atraso irreparável em sua caminhada ascendente.

VIAGEM ESPÍRITA 1862 (p. 137)

Mas não nos devemos esquecer de que o Espiritismo se dirige a todos os cultos; que, por consequência, não deve adotar as formalidades de nenhum em particular.

(T1.9) Teria, além disso, agido contra o propósito a que se propôs: a reaproximação das seitas em um sentimento comum de fraternidade, colocando-se ele próprio como um ponto de contato. Acima de tudo, era necessário propagar a ideia fundamental; dar-lhe tempo para se afirmar, se infiltrar, criar raízes e esperar pacientemente pelos frutos que não poderiam amadurecer antes da estação.

VIAGEM ESPÍRITA 1862 (p. 137)

O Espiritismo, chamando a si os homens de todas as crenças, para uni-los sob a bandeira da caridade e da fraternidade, habituando-os a se olharem como irmãos, seja qual for sua maneira de adorar a Deus, não deve chocar as convicções de ninguém pelo emprego de sinais exteriores

de um culto qualquer.

(T1.10) O espiritismo é sempre o mesmo quanto ao seu princípio; apenas ele marchou de descoberta em descoberta, de deduções em deduções; ora, não devemos dissimular que as consequências que decorem de certas observações estão em contradição com algumas crenças, como tem sido com certas descobertas da ciência; mas isto não é o que o torna uma religião.

RE 1864, JUL (p. 277)

A que repudiasse as descobertas da Ciência e as suas consequências, do ponto de vista religioso, mais cedo ou mais tarde perderia sua autoridade e o seu crédito e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela Ciência, a falta não é da Ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos, em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas.

(T1.11) É preciso distinguir a ideia religiosa da religião propriamente dita. A ideia religiosa é geral, sem princípios de detalhes fixos, sem qualquer regulamentação. A religião tem um caráter particular de precisão que consiste não somente em estar em uma comunidade de crenças bem determinada, mas também na forma exterior da adoração, no cumprimento de certos deveres, e no vínculo que une os adeptos.

RE 1859 MAI (p.206)

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Do contrário, teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode transformar suas opiniões numa religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova igreja há uma grande distância e penso que seria imprudência seguir tal ideia.

(T1.12) Isso é o que jamais o espiritismo teve e é por isso que não tem sido uma religião. Somos espíritas porque simpatizamos com a

ideia que ele contém, como se pode ser cartesiano, platônico, espiritualista ou materialista, porém não por uma profissão de fé ou uma consagração qualquer.

RE 1868 DEZ (p.491)

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor as pessoas inevitavelmente ter-se-iam equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

(T1.13) Entretanto, se a ideia religiosa for deixada por si mesma, ela logo cairá em anarquia; por falta de princípios fixos, ela perambula no vazio e a indiferença não tarda a tomar conta. É-lhe necessário um guia, algum tipo de programa para apreciar o pensamento, um estímulo contra o desinteresse. Ela o encontra na forma religiosa.

RE 1860 NOV (p. 491)

Não receamos dizer que todos os homens sinceramente religiosos — e desta forma entendemos os que o são mais pelo coração do que pelos lábios — reconhecerão no Espiritismo uma manifestação divina, cujo objetivo é reavivar a fé que se extingue.

(T1.14) Isolada, a alma murcha ou se exalta; nas assembleias, ela se eleva e se reconforta; por instruções verbais, sabiamente calculadas e apropriadas às circunstâncias, ela muitas vezes se esclarece melhor do que o poderia fazer pela leitura. Eis porque uma religião é necessária; dizemos mais: é uma necessidade. Mas para que ela alcance seu objetivo, é mister que ela preencha certas condições.

RE 1868 DEZ (p. 489)

Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência.

(T1.15) O espiritismo por si só não é uma religião, mas uma simples filosofia. Religião significa: *liame*. Contudo, a opinião geral, no surgimento do espiritismo, era que uma nova religião nascera; aqueles que nele viam os fundamentos de uma nova religião talvez estivessem corretos; no entanto, desde que ele não estabelecesse qualquer ligação entre os adeptos, ele não seria mais uma religião do que todas as outras declaradas filosóficas.

RE 1868 DEZ (p.491)

Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto.

(T1.16) Não era uma religião, mas se poderia deduzir dela uma religião; isso é o que se pretendia; mas não era preciso se apressar para apresentar o espiritismo sob esse ponto de vista; teria sido suscitar-lhe muitos inimigos, e ele já tinha bastante deles sem isso; era preciso deixar que se desse às ideias fundamentais; era preciso também que a necessidade de uma reforma fosse sentida mais e mais; agora chegou a hora de deduzir as suas consequências religiosas, dando-lhes uma forma regular; mas, exceto a forma, a ideia principal está, pois, formada de todas as consciências; nossos adversários tiveram o cuidado de aplainar o caminho para nós.

RE 1868 DEZ (p. 489)

Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; que ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar.

* * *

NOTA 1

(N1.1) O espiritismo ainda está no estágio de doutrina individual e

não ainda o de doutrina coletiva; é por isso que não tem os liames necessários para constituir solidamente as aglomerações dos indivíduos; é uma questão de tempo.

=====

TEXTO 1 - CONTINUAÇÃO

(T1.17) Por havermos dito, repetidas vezes, que o espiritismo não era uma religião, estamos agora em própria contradição conosco? De modo nenhum. Em dizendo que o espiritismo não era uma religião, estávamos certos, porque na realidade era uma ciência nova, uma doutrina filosófica; mas nós dissemos que, como filosofia, ele tinha consequências religiosas; que, por sua natureza, tocava em todas as questões sociais, políticas e religiosas; pois são essas consequências que deduzimos hoje; não poderíamos fazer isso até que o espiritismo tivesse completado os elementos constitutivos, e além disso, era preciso esperar pelo momento propício.

RE 1868 DEZ (p. 491)

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da ideia de culto; porque ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem.

Obras Póstumas (p. 318)

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura.

(T1.18) O espiritismo foi, portanto, completado, na medida em que as observações o puderam permitir, naquilo que lhe reserva o futuro, porém o suficiente para formar um conjunto, um corpo de

doutrina; estas são as consequências que vamos deduzir hoje para sua aplicação à *Religião do progresso*.

RE 1868 DEZ (p. 494)

(...) ver, enfim, nas descobertas da Ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode congregar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ele ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

(T1.19) — A religião do progresso não é a religião espírita, nem o espiritismo transformado em religião; é uma religião que assimila as doutrinas espíritas como um de seus elementos, pois o espiritismo é uma realidade e um progresso; assim como assimilará qualquer descoberta ou doutrina que seja reconhecida uma verdade e um progresso, como teria assimilado o panteísmo, se o panteísmo tivesse sido uma verdade e um progresso.

(T1.20) Mas não se segue que adotará ou patrocinará instantaneamente todas as ideias novas, todos os sistemas ainda que concebidos com boas intenções e tendo um futuro; uma vez que ela não deve se apoiar senão em bases sérias e não em utopias, ela não assimila as ideias novas enquanto elas não chegarem ao estágio das *verdades práticas*, e enquanto elas não forem sancionadas pela experiência.

(T1.21) — Só que, ao contrário da maioria das religiões, ela aí não aparece, porque se forem erros ou utopias, elas cairão por si mesmas; e se forem verdadeiras e úteis ao bem da humanidade, ao desenvolvimento de faculdades morais e intelectuais, elas não poderão prejudicar a religião do progresso, uma vez que as assimila.

RE 1864, JUL (p. 276)

A religião, ou melhor, todas as religiões sofrem, malgrado seu, a influência do movimento progressivo das ideias. Uma necessidade fatal as obriga a se manterem no nível do movimento ascensional, sob pena de naufragarem.

(T1.22) Por uma consequência desse princípio progressivo sobre o qual ela está fundamentada, se algum dia fosse demonstrado que um dos artigos de seu sistema estaria em erro, ela o removeria ou o modificaria. O espiritismo indica seu verdadeiro caráter; ele deve ser um progresso em relação a todas as doutrinas que existem e deve acompanhar o progresso das ideias, das artes e das ciências.

RE 1864, JUL (p. 277)

A descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, a necessidade de pôr suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob pena de receberem o desmentido dos fatos constatados pela Ciência.

(T1.23) A doutrina cristã é um progresso em relação às crenças pagãs. A doutrina espírita é um progresso em relação à doutrina cristã, no sentido de que ela a desenvolve e a complementa pela revelação de novas leis. É um progresso porque ela dá a conhecer novas leis da natureza, as quais têm imensas consequências para a família, o bem-estar presente e futuro.

RE 1864, JUL (p. 278)

Pela revelação das leis que regem as relações entre o mundo visível e o invisível, o Espiritismo será o traço de união que lhes permitirá olhar-se face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que ele diariamente reconduz tantos incrédulos a Deus.

(T.24) O nome de religião espírita teria sido muito especial; este nome não teria anunciado mais que um ponto da crença, um fato particular.

* * *

NOTA 2

(N2.1) O espiritismo é uma ciência, assim como se pode ser um naturalista e pertencer a qualquer religião, como se pode ser espírita e ser católico, maometano ou chinês.

RE 1861 OUT (p.436)

É uma doutrina puramente moral, que absolutamente não se ocupa dos dogmas e deixa a cada um a inteira liberdade de suas crenças, desde que nenhuma impõe. A prova disto é que tem aderentes em todas, entre os mais fervorosos católicos como entre os protestantes, os judeus e os muçulmanos.

(N2.2) O espiritismo não é uma religião, mas explica certos fatos da religião, como todas as outras ciências.

(N2.3) Pode parecer, à primeira vista, contradizer certos pontos da religião, como as outras ciências que pareciam ser contrárias até mesmo à existência e à imortalidade da alma; mas esse erro foi reconhecido, e assim como a religião entrou em acordo com a ciência, ela entrará em acordo com o espiritismo.

(N2.4) Nos primeiros dias do cristianismo dizia-se dos pagãos: os deuses se vão. Hoje podemos dizer das seitas cristãs: os mistérios se vão; os milagres se vão; a fé cega se vai; os clérigos se vão.

(N2.5) As bênçãos e as indulgências são papel-moeda depreciado que em breve não estarão mais em circulação.

(N2.6) Antes de tudo, uma pergunta: eu, sim ou não, sou livre para ter uma opinião religiosa e constituir para mim uma religião à minha maneira? — Sim. — Sou livre para publicar minhas ideias? — Sim. — Será que eu imponho minhas opiniões a quem quer que seja, inclusive aos espíritas? — Não. — Eu formulo minhas crenças

porque é meu direito; a cada qual cabe julgá-las como bem o queira. Aqueles que as acharem boas irão adoptá-las; aqueles que as acharem más irão rejeitá-las (Explicando com clareza e precisão os fundamentos em que se baseiam e suas consequências sociais, eu lhes dou os meios para apreciá-los).

(N2.7) Portanto, não há constrangimento para ninguém; por que me recusariam um direito que todos reivindicam para si?

(N2.8) Vós destruíis o catolicismo, dirão: a isso eu respondo de pronto que se o catolicismo é obra de Deus e a verdade absoluta, ele é indestrutível; mas se pode ser destruído, é que não é obra de Deus, a menos que se diga que o homem é mais poderoso que Deus. Temer que uma nova crença possa suplantá-lo é acusar sua fraqueza. A este respeito, os terrores a que deu origem o espiritismo desde seu surgimento, provaram a pouca confiança em sua estabilidade.

RE 1868 JAN (p. 31)

O abade Poussin escreveu o seu livro, diz ele, tendo em vista premunir os fiéis contra os perigos que pode correr sua fé, pelo estudo do Espiritismo. É testemunhar pouca confiança na solidez das bases sobre as quais está assentada esta fé, já que pode ser abalada tão facilmente.

* * *

NOTA 3

(N3.1) O protestantismo e todas as seitas dissidentes que parecem separadas desde o início não o demoliram? Os racionalistas e livres pensadores de hoje não o minam todos os dias pela base? — E o materialismo, que tanta gente defende, não é a negação mais absoluta, uma vez que é a negação do princípio essencial de cada religião, de Deus e da alma? Então, se lhes concedemos o direito de

exprimirem seus pensamentos, por que me negariam o direito de emitir o meu?

(N3.2) Uma vez mais, não falo em meu nome pessoal e nem mesmo em nome de todos os espíritas; eu traço um plano como outros o fizeram, como outros têm o direito de fazer.

* * *

NOTA 4

(N4.1) Um catolicismo liberal é possível ao lado do espiritismo? E podemos estabelecê-lo?

Não, porque o catolicismo, não admitindo o livre exame dos dogmas, não pode modificá-los, sem os quais ele não seria mais católico.

Desde que se tenha batido o martelo sobre um dogma, querer-se-á fazer o mesmo sobre outro e assim por diante. Logo, uma reforma do catolicismo teria poucos partidários; ela não satisfaria nem a uns nem a outros, teria muito pouco e ainda muito; é preciso que o catolicismo permaneça o que ele é; não é o espiritismo que se transforma em religião, mas antes uma religião que surge do espiritismo; ela terá a vantagem de fixar as crenças daqueles que vão abraçá-lo, o que ninguém é obrigado a fazer, pois ela não se impõe a ninguém.

RE 1868 JAN (p.30)

O Espiritismo não procura mais trazer os incrédulos ao regaço absoluto do Catolicismo mais do que ao de qualquer outro culto.

Em lhes fazendo aceitar as bases comuns a todas as religiões, ele destrói o principal obstáculo, e os leva a fazer a metade do caminho; a cada uma cabe fazer o resto, no que lhe concerne; aquelas que fracassam dão uma prova manifesta de impotência.

(N4.2) Mas então, dirão, é uma seita dentro do espiritismo; que seja

uma seita, mas com essa diferença que aqueles que nela entrarem não considerarão menos irmãos aqueles que ficarem de fora dela, e não lhes atirarão pedras; a religião é uma forma definida de espiritismo, mas os espíritas, *qualquer que seja a seita a que pertençam*, são todos membros da mesma família.

RE 1864 JUL (p.274)

Sem dúvida pareceria temerário dizer que a Igreja marcha ao encontro do Espiritismo; é, entretanto, uma verdade que será reconhecida mais tarde. Mesmo marchando para combatê-lo, nem por isso ela deixa de assimilar, pouco a pouco, os seus princípios, sem disso dar-se conta.

* * *

NOTA 5

(N5.1) A Religião espírita não vem impor-se nem substituir pela força qualquer outro culto, mas penetrar-se nas fileiras e se submeter às circunstâncias da concorrência. Um fato incontestável é a invasão que a dúvida e a incredulidade têm feito em todos os cultos; há, portanto, uma notável parte da população que flutua na incerteza ou que, de fato, não é mais da velha religião. É a este a quem a crença espírita se dirige; ela lhes diz: O alimento intelectual que vos foi dado até hoje não vos saciou; o vazio se fez em vossas crenças: eu venho preencher este vazio e dar ao vosso espírito o alimento que vos faltava; aceitai-me se vós me compreendeis e se *vós me achais ao vosso agrado.*

RE 1862, FEV (p. 69)

O Espiritismo não vem usurpar a religião. Ele não se impõe. Não vem forçar as consciências, quer dos católicos, quer dos protestantes ou dos judeus. Apresenta-se e diz: “Adotai-me, se me achais bom”. É culpa dos espíritas se o acham bom?

ALLAN-KARDEC.

(09) Como todas essas folhas manuscritas estavam manchadas e misturadas, tivemos algumas dificuldades para classificar os pensamentos do Mestre, que nós oferecemos a fim unicamente de revivê-los.

A REDAÇÃO.

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita

(Continuação, parte 2).

TEXTO 2 - Influência do espiritismo para a destruição da incredulidade.

(T2.1) É comum que a fé adquirida na juventude, através da influência da religião católica, se perca à medida que se envelhece; a incredulidade nasce da reflexão. A fé exigida pelo espiritismo é, pelo contrário, o produto da reflexão; ela se fortalece com a idade, e a prova disso é que o espiritismo, até agora, tem conquistado o homem na idade madura e até na velhice, e que ele triunfa sobre a incredulidade, que havia substituído a fé — muitas vezes ardente — dos primeiros anos.

(T2.2) Pode-se concluir naturalmente que quando as crianças são criadas no espiritismo, a idade, longe de enfraquecer ou destruir sua fé, irá fortalecê-la.

(T2.3) Dois cultos distintos dividem o mundo: o culto do espírito, ou dos espiritualistas, e o culto da matéria, ou dos materialistas.

RE 1868 JUN (p. 260)

Três grandes doutrinas dividem os espíritos, sob os nomes de religiões diferentes e filosofias muito distintas: são o materialismo, o espiritualismo e o Espiritismo.

(T2.4) O campo dos espiritualistas é de longe o mais numeroso, porém é enfraquecido por sua divisão em inúmeras seitas que se lançam anátemas, e dessa maneira fornecem armas aos materialistas.

(T2.5) O espiritismo é uma das frações do espiritualismo. Ele tem, sobre todas as outras, uma imensa vantagem: a de não lançar o anátema contra ninguém. Despreocupado com a forma, ele respeita toda a crença sincera e considera que Deus é grande demais para se importar com a forma pela que nós o adoramos, e que a observância das leis divinas é a única condição de salvação; ele considera, além disso, que quem os desconhece hoje o observará mais tarde, em virtude da lei do progresso.

(T2.6) O espiritismo é, pois, por sua natureza, essencialmente tolerante, porque ninguém fica excluído para sempre.

RE 1868 JAN (p. 32)

O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente e pela razão.

(T2.7) Todas as religiões têm por base fundamental: Deus, a alma e seu futuro. Eles se diferem apenas pelas crenças acessórias, o modo de adoração, a forma externa do culto. Seu maior inimigo é a incredulidade, uma vez que esta é a negação do próprio princípio, ele rejeita a forma e o fundamento.

Obras Póstumas (p. 52)

Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte.

RE 1863 JAN, (p. 36)

Pelas provas patentes que ele dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, ele é a negação do materialismo e, conseqüentemente, se dirige aos que negam ou duvidam.

(T2.8) O espiritismo, apoiando este princípio através de provas concretas, é o mais poderoso antídoto contra a incredulidade; é por isso que ele frequentemente triunfa onde a religião falhou. Ele leva essencialmente ao sentimento religioso e é por isso que vem em auxílio à religião minada pela incredulidade;

RE 1863 SET (p. 375)

Se o Espiritismo tem meios de dissipar dúvidas que a religião não pôde destruir, então ele oferece recursos que a religião não possui, do contrário não haveria um só incrédulo na religião católica (...).

(T2.9) contudo, nunca dissemos que era para o benefício desta ou daquela seita, deste ou daquele dogma. Ele dá a fé em Deus e na imortalidade a alma àqueles que não a tinham; ele a fortifica naqueles em quem ela estava vacilante, mas isso não foi suficiente para as seitas; cada uma teria desejado que ele trabalhasse apenas para ela, e que a ajudasse a combater as outras; ao invés de recebê-lo como um auxiliar contra o inimigo comum,

RE 1859 MAI (p. 206)

Ele nos põe em guarda contra os sistemas errados, frutos da ignorância. E a própria religião pode haurir nele a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis porque, contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às ideias religiosas aqueles que se tresmalharam num cepticismo exagerado.

(T2.10) elas o repeliram, lançando-lhe o anátema e a maldição; insultaram-lhe, fecharem-lhe a porta dos seus templos; elas então o forçaram a se refugiar em si mesmo e a si constituir... Vós perguntais por que ele não permaneceu como simples filosofia, mas fostes vós quem assim o quisestes.

NOTA 6

(N6.1) Quando no mundo um homem está doente, dá-se-lhe esperança de uma saúde melhor no futuro.

Se ele está arruinado, dá-se-lhe esperança de um retorno à fortuna.

Se ele for vítima de uma colheita ruim, dá-se-lhe esperança de que ele tenha uma colheita melhor para o ano seguinte.

Em todas as misérias, enfim, nós o encorajamos, acalmamos seu desespero através da perspectiva de um futuro melhor. Esse sentimento é instintivo, e é isso que também os materialistas fazem.

Quando o homem chega ao término da vida, que consolação e que compensação pelos males sofridos o materialismo oferece? Portanto, nisso, não há mais futuro: oferece-se a perspectiva do nada.

* * *

NOTA 7

(N7.1) A religião consiste na fé em Deus, na Providência, na imortalidade da alma e na vida futura.

A diferença entre as religiões consiste na maneira como se entende esses quatro pontos.

RE 1863 JUN (p.235)

Os princípios fundamentais da fé: Deus, a alma e a imortalidade, não foram publicamente atacados sem que ela se movesse?

(O10) *A esses pensamentos dispersos do Mestre, escritos aqui e acolá, saindo de seu cérebro como jatos de vapor de uma caldeira fervente, são adicionados notas e textos de estranhos. Aqui encontramos, e publicamos com satisfação, esta comunicação do abade de Lamennais.*

(O11) Comunicação¹⁶ obtida após um sermão pregado pelo abade Lecot¹⁷, da diocese de Noyon, na Igreja de Nossa Senhora de Chauny (Aisne).

Necessidade da Religião.

RE 1861 DEZ (p.563)

Meditações filosóficas e religiosas

A religião é a necessidade dos povos; sem ela, nada de civilização possível nem de poder duradouro; sem ela, os homens seriam todos criminosos ou bárbaros; é ela quem pule os costumes, quem adoça a linguagem, quem dá a porção de vida intelectual a cada um de vós, como uma mãe dá a cada um de seus filhos o alimento coletado por ela.

Proclamamos, pois, em alta voz, a necessidade do espírito religioso, a necessidade de reconhecê-lo acima de todos os poderes, que devem segui-lo e não o ultrapassar. É a religião que liga o céu à terra, é ela que vem extrair de vós as flores tão preciosas da esperança, é ela que fortalece o coração de uma mãe, é ela que dá o heroísmo e o destemor da fé e vos impede de medir o perigo para correr e salvar vossos irmãos.

Oh! Ela é bela, ela é nobre, pois ela vem de Deus! Ela deve, portanto, ser pura, deslumbrante e descobrir seu seio para todos — grandes e pequenos; ele deve irradiar em cada um de

¹⁶ Deduz-se que essa comunicação foi inserida pelos Editores, pois o referido abade Lecot teve proeminência ao fim do século 19 (ver nota de rodapé a seguir).

¹⁷ Victor-Lucien-Sulpice Lécot (08/01/1831 – 19/12/1908) foi um arcebispo francês e cardeal da Igreja católica romana. Em 10/06/1886, foi nomeado bispo de Dijon pelo Papa Leão XIII. Participou do Conclave de 1903, que elegeu o Papa Pio X. Ver Wikipédia, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Victor-Lucien-Sulpice_L%C3%A9cot. Acessado em 22/07/2021.

seus intérpretes como a lâmpada da noiva, para que as virgens, vendo-a de longe, a reconheçam e não se desviem dela. Deve, através de suas mãos consagradas pelo óleo sagrado, derramar-se em um fluido que cura os males, que restaura, naqueles que têm febre moral, uma nova energia. Vede-a então abençoar, vede-a se regenerar e entrar, simples e cândida como nos primeiros dias, no santuário, para oferecer a Deus a pomba branca e a cesta de flores.

Pompas terrestres, vós destruís sua candura; vós escondeis sob indumentárias douradas seu verdadeiro rosto. O mundo finalmente reconheceu aquela palavra dos sábios: Vaidades, tudo é vaidade, até mesmo a adoração que rendeis à Divindade.

Por que esta marca de grandeza? Jesus não é humilde? Por que ireis carregar a palavra de Deus em vosso palanquins¹⁸ modernos? Assim como Jesus, o povo pode vos seguir? Não, ele se aproxima de vós tremendo; o pobre afasta-se do caminho para deixar passar o magnífico prelado! Mas Deus viu e ele é um juiz. Vós desnatureis sua obra. Diretamente aos pequenos ele faz ser ouvida sua palavra a fim de que, sem orgulho e sem ênfase, eles a espalhem entre as pessoas que se tornarem o eco de Deus.

Assinado: LAMENNAIS, ex-pregador.

* * *

¹⁸ Espécie de assento acoplado a um conjunto de varas destinado a ser carregado nos ombros pelos seus carregadores (geralmente servos de quem se transporta sentado) ou no dorso de determinados animais (especialmente camelo e elefante), sendo em muitas regiões orientais um meio de transporte tradicional e bastante comum à época de Allan Kardec; no presente contexto, espécie de andor, que nas procissões religiosas transporta imagens de santos — N. E.

NOTA 8

(N8.1) Querer, a pretexto da liberdade, excluir toda a religião, dizer que a liberdade é incompatível com toda religião é tão irracional quanto impor uma religião àqueles que não a querem.

Para muita gente, uma religião — quer dizer, acreditar em algo, adorar a Deus — é uma necessidade muito urgente, muitas vezes mais urgente do que a de comer; por que, então, negar o alimento espiritual àqueles que o querem, de preferência ao alimento corporal?

A liberdade, neste caso, seria a pior das tiranias, porque essa seria a tirania da consciência.

(A continuar.)

ALLAN KARDEC

Estudo sobre as Religiões comparadas com a Filosofia Espírita *(Continuação).*

TEXTO 3 - LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

Da troca de religião.

(T3.1) Toda opinião, todo ponto de vista a respeito de qualquer assunto é um ato espontâneo do espírito agindo em virtude do seu livre arbítrio, resultado da comparação que se estabelece entre duas coisas; é a comparação que lhe permite julgar qual dessas duas coisas parece boa ou ruim, o que lhe faz adotá-la ou rejeitá-la. Decide-se por uma ação porque, correta ou incorretamente, crê-se

que seja melhor do que a ação contrária; abraça-se uma causa porque acredita-se que seja mais justa, mais racional do que a causa adversa. Estejamos enganados ou não, a escolha não o é menos produto de uma deliberação do espírito. Esse princípio se aplica a todas as circunstâncias da vida: desde as coisas mais fúteis até as mais sérias. A liberdade de exame é um dos atributos essenciais da humanidade; sem ela, o homem não seria mais que uma máquina; ele não pode repudiá-lo sem abdicar da faculdade que o distingue do bruto: a reflexão.

RE 1867 FEV (p. 64)

Neste sentido, o livre-pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma máquina de crer.

RE 1868 DEZ (p. 494)

Se tivesse essa pretensão, seria compreender mal o espírito do Espiritismo que, por isso mesmo que proclama os princípios do livre-exame e da liberdade de consciência, repudia a ideia de se erigir em autocracia; desde o começo entraria numa senda fatal.

(T3.2) O direito de livre exame resulta daquele direito de mudar de ideia, quando se reconhece estar errado; é mais do que um direito: é um dever proclamá-lo em alta voz; pois, quando se está convencido de que estava errado, é-se culpado por manter nesse erro aqueles que por ele se conduziram. Quem pensaria em culpar aquele que, numa questão controversa, adota, com convicção, uma maneira de ver contrária àquela que defendia? Não haveria aí mérito de se reconhecer francamente estar equivocado? Não é infantil, pelo contrário, persistir em uma ideia que se sabe ser falsa, só para não parecer se contradizer? Acreditamos que estamos salvando a autoestima, e não achamos que a autoestima sofreria muito mais se soubéssemos o que o mundo pensa dessas teimosias ridículas que denotam ainda mais orgulho do que o verdadeiro

conhecimento. Não seria pueril, ao contrário, persistir numa ideia que se sabe ser falsa, unicamente para não parecer se contradizer? As pessoas acreditam estarem salvaguardando o amor-próprio, e não ponderam que o amor-próprio sofreria muito mais se elas soubessem o que o mundo pensa dessas teimosias ridículas que denotam muito mais orgulho do que verdadeiro conhecimento.

RE 1867 FEV (p. 65)

É útil que todos os sistemas venham à luz, para que cada um lhes possa julgar o lado forte e o fraco e, em virtude do direito de livre exame, possa adotá-los ou rejeitá-los com conhecimento de causa.

(T3.3) Mas se há virtude nisso — coragem às vezes — para mudar de opinião por convicção, há também aí baixeza em mudar por vantagem ou por interesse.

Em semelhantes casos, uma mudança de opinião não seria resultado de leveza ou versatilidade, mas um ato premeditado de falsidade e hipocrisia, porque seria querer ganhar a confiança através de aparências enganosas. Tais apostasias sempre foram justamente condenadas.

(T3.4) Se não há vergonha em renunciar a uma opinião tomada para adotar uma que se acredita ser mais justa, com mais forte razão deve ser quando se trata de uma crença imposta, com a qual nossa escolha não teve parte alguma. O que constitui para nós a autoridade de uma religião não é porque os outros nos dizem que ela seja a melhor nem porque ela era a religião dos nossos pais, mas porque, tendo atingido a idade da reflexão, nós podemos julgar o valor dos princípios nos quais ela se apoia.

RE 1867 JAN (p. 22)

Os livres-pensadores, nova denominação pela qual se designam os que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam atrelados pelo culto em que o

nascimento os colocou sem o seu consentimento, nem obrigados à observação de práticas religiosas quaisquer.

(T3.5) Religião é o conjunto de crenças que se adota a respeito de questões de uma determinada ordem; como as opiniões políticas, como a adoção desse ou daquele sistema filosófico particular, ela é, o que quer que se faça dela, o ato do livre consentimento, e não pode ser imposta. A fé em um dogma resulta da apreciação e não se ordena. Uma criança pode ser criada na religião católica, judaica, protestante ou qualquer outra, mas ela não é realmente de uma ou de outra enquanto não for capaz de assimilar suas crenças por um ato de sua vontade. Podemos nos submeter, por coerção ou hábito, a práticas exteriores, mas a convicção íntima escapa de qualquer autoridade. Esta é uma verdade promovida ao status de axioma.

(T3.6) Isso não é verdade, dir-se-á, senão para aqueles que sejam capazes de raciocinar sua fé; mas quantos são os que não o fazem ou não o puderam fazer. — Até mesmo estes não são exceção à regra; se eles se contentam com a afirmação dos outros, sem outro exame, é porque lhes convém, e que o princípio lhe é suficientemente demonstrado; não agem menos do que por um ato voluntário e livre; eles creem porque querem crer, e não porque se quer que eles creiam. Sua fé, por não ser raciocinada e nem sempre ser razoável, não é por isso menos respeitável, desde o momento em que seja sincera. Deixemo-los então com suas crenças, enquanto ela lhes seja satisfatória; mais tarde, como a criança que cresce, eles quererão saber mais e compreendê-la, e é aí que seria imprudente e inútil querer sufocar neles a reflexão.

Com tais princípios, dir-se-á, haveria tantas religiões quanto indivíduos.

(T3.7) Considerando a coisa do ponto de vista filosófico, pergunta-se de onde vem a espécie de reprovação ligada à mudança de

religião? É evidente que com o princípio da liberdade de consciência e do livre exame, proclamado como uma conquista do progresso, essa reprovação é um absurdo. Ela poderia ter tido sua razão de ser numa certa época; ela ainda é concebida nos países onde a fé é exclusiva, pois sendo o culto oficialmente praticado e imposto considerado como a única forma de salvação, qualquer um que se desvie dele é visto como um pecador, mas ela seria incompreensível naqueles países onde a liberdade de consciência é do direito comum. Sendo cada qual livre para adorar a Deus à sua maneira, deve-se ser livre para se relacionar com a crença que melhor atenda às suas aspirações; o compromisso assumido pelo indivíduo, quando ele era incapaz de ter uma vontade, não poderia — nem por direito, nem por equidade, nem por lógica — obrigá-lo de qualquer forma; o simples bom senso diz que ele é sempre livre para ratificar ou recusar um contrato feito sem sua participação.

RE 1867 FEV (p. 64)

(...) do livre uso que se faz da faculdade de pensar, e não de sua aplicação a uma ordem qualquer de ideias. Consiste não em crer numa coisa, em vez de outra, nem em excluir tal ou qual crença, mas na liberdade absoluta da escolha das crenças.

(T3.8) Seu livre arbítrio não pode ser acorrentado, do ponto de vista religioso, pela fé de seu pai, mais do que por suas opiniões políticas ou científicas. O que se busca numa religião é a maior soma possível de verdades; se, portanto, em nossa consciência, a crença de nossos pais nos parece desviar-se da verdade, o respeito que temos por eles não pode ir até à abdicação de nosso próprio julgamento, e a adoção cega de suas ideias apenas porque eles as propuseram. Não é mais racional e mais moral inscrever-se francamente sob a Bandeira de sua escolha do que persistir em participar das fileiras de uma crença da qual não se compartilha?

RE 1867 JAN (p. 22)

Os livres-pensadores, nova denominação pela qual se designam os que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam atrelados pelo culto em que o nascimento os colocou sem o seu consentimento, nem obrigados à observação de práticas religiosas quaisquer.

(T3.9) As ideias que há muito governaram o mundo deixam impressões que se desvanecem lentamente e não desaparecem senão após várias gerações. Sob o império da fé cega, que exclui todo o exame, cada religião, convencida de ter a única verdade que conduz ao céu, considerava outras religiões como obras satânicas, e aqueles que as professavam como inevitavelmente condenadas ao inferno. Dessa ideia fortemente impressa no espírito das massas e que os ministros de todos os cultos têm constantemente se esforçado para manter, nasceu o antagonismo religioso, fonte incessante — como sabemos — de violência, de lutas e de perseguições.

(T3.10) Nestes tempos de fanatismo, mudar de religião não seria visto como uma mudança de opinião, mas como uma deserção em favor do inimigo. Se bem que hoje se veja as coisas de uma maneira mais ampla, essa prevenção não é tão apagada que não tenha deixado traços como aqueles velhos preconceitos que sobrevivem à causa que lhes deu origem. Conquanto a liberdade de consciência não seja mais contestada em princípio, ela ainda não entrou nos costumes práticos de todo o mundo; assim como alguns direitos políticos, ainda é um direito monstruoso aos olhos de muitas pessoas. O desprestígio ligado à mudança de religião, e que parece uma anomalia neste tempo de livre exame, é incontestavelmente um resto de prevenções nascidas do antagonismo religioso, e mesmo aqueles que se livraram do jugo de ideias exclusivas não

estão inteiramente livres. O espírito que se identificou com uma ideia não se emancipa senão gradual e timidamente; por muito tempo ainda se sacrifica aos preconceitos, aos costumes, ao medo do que se dirá disso; se não é por ele, é pelos semelhantes.

(Continua).

ALLAN KARDEC

TEXTO 4 - A religião e o Espiritismo

Meu caro Paul Leymarie,

(T4.1) A última Revista, edição de outubro, traz-me notas manuscritas do venerável mestre, dotado do mais alto bom senso, Allan Kardec.

Obras Póstumas - Discurso de Camille Flammarion (p.38)

Ele, porém, era o que eu denominarei simplesmente “o bom-senso encarnado”. Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum.

(T4.2) Essas notas tocam em questões que por mais de trinta anos têm sido, posso dizer, minha única ocupação.

(T4.3) Allan Kardec também se pergunta se a religião é ou não necessária, e se o espiritismo não é mais uma religião que procura seu lugar no mundo e que tenta substituir as religiões que afirmam ter cumprido sua missão no seio da humanidade.

(T4.4) Dificilmente podemos argumentar sobre essas coisas se, inicialmente, não nos determos em uma definição mais completa e incontestável da própria palavra *religião*.

RE 1868 DEZ (p.491)

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma

religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; (...)

(T4.5) Por sua natureza, a religião é aquilo que une, e não que divide os homens; é algo ainda mais: ela dá a cada alma humana o ponto de apoio sobre o qual se pode fundar uma existência e assegurar, àqueles que aí se detém, uma imortalidade indiscutível. É também, para aqueles que são esclarecidos, a doutrina que nos mostra, em meio às trevas mais perturbantes, o objetivo luminoso de uma vida que, em meio às existências intermináveis, tem, por objetivo, realizar as próprias perfeições da divindade.

RE 1868 DEZ (p.491)

O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas.

(T4.6) Infelizmente, tão grandes ideias têm encontrado exploradores, e esses exploradores, aos olhos daqueles que não refletiram a respeito, comprometeram a futuro da religião e rebaixaram o grande ideal que ela tem por objeto realizar em cada homem. É, pois, bem compreensível que no lugar da religião, sobretudo em nosso tempo, cresça nas massas inconscientes o ateísmo, o materialismo e a irreligião, e isso como uma enchente desmantelada, que é impulsionada pela tempestade, tempestade de paixões, de interesses, de irracionalidades e de loucuras.

RE 1867 OUT (p.403)

E não se creia que os contrários sejam prejudiciais. Longe disto. Jamais a incredulidade, o ateísmo e o materialismo levantaram a cabeça mais atrevidamente e proclamaram suas pretensões.

(T4.7) O espiritismo, para todos aqueles que o estudaram, é e deve

permanecer como a reação contra os exploradores de ideias religiosas e contra todos aqueles que, por causa de seus interesses e suas paixões, fizeram a si mesmos, ao longo dos séculos, adversários de tudo o que consola, de tudo o que moraliza, de tudo o que fortifica e tudo aquilo que, com plena clareza, mostra ao homem quais deveres ele tem de cumprir e qual destino tem a realizar.

RE 1865 JUN (p.259)

O Espiritismo marcha a despeito de seus adversários numerosos que não tendo podido tomá-lo pela força, tentam tomá-lo pela astúcia; eles se insinuam por toda parte, sob todas as máscaras e até nas reuniões íntimas, na esperança de aí flagrar um fato ou uma palavra que muitas vezes terão provocado e que esperam explorar em seu proveito.

(T4.8) Allan Kardec, nas notas que vós publicaste, fez esta demonstração melhor do que eu; mas, melhor ainda, ele o fez em um discurso proferido em 1868 e no qual já se levantava contra as tendências já numerosas de uma irreligião que se fazia presente na alma de pretensos espíritas, que, àquela época, chegavam ao ponto de desejar que uma revolução fosse feita contra a Igreja, não somente sobrepor-se à teimosia e à intolerância clerical, mas também para demolir e arrasar inteiramente os edifícios erguidos à oração e nos quais o culto público e privado encontra o meio de se manifestar com toda a liberdade.

RE 1868 DEZ (p.488)

Chocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembleias religiosas e, em consequência, a das edificações consagradas a tais assembleias.

(T4.9) Allan Kardec, a essa época, escreveu que tal pensamento não poderia ter nascido senão no cérebro de homens irrefletidos, jamais tendo questionado todos esses magníficos edifícios, que

eram a esperança e o consolo dos deserdados e de todas as almas provadas pelo infortúnio e as maiores iniquidades sociais.

RE 1868 DEZ (p.488)

Chocados por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembleias religiosas e, em consequência, a das edificações consagradas a tais assembleias.

(T.4.10) Julga-se mal as religiões se elas forem julgadas apenas por seus exploradores, apenas pelo abuso da dominação sacerdotal inútil e os crimes pelos quais a religião não pode assumir a responsabilidade, de que somente são responsáveis os falsos padres, falsos monges e todos aqueles que, hipocritamente, adornaram-se com o belo nome de cristãos.

(T4.11) Em seu radicalismo — diz Allan Kardec — os adversários dos edifícios religiosos e da própria religião, acham até que seria preferível construir hospícios a edificar templos. Não estaria o templo de Deus em todo lugar? Não poderia Deus ser adorado em toda parte? Não poderia ele ser venerado na casa de quem quer que seja e a qualquer hora? De que adianta esses vitrais soberbos, essas pedras de mármore montadas em cima umas das outras, essas esculturas, essas pinturas, essas estátuas, esses padres vestidos com vestes brancas e casacos de seda, em ouro e prata, essas velas acesas em pleno meio-dia? Não podemos, para adorar a Deus, dispensar todas essas coisas?

RE 1868 DEZ (p. 488)

Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir asilos do que templos, uma vez que o templo de Deus está em toda parte e em toda parte pode ser adorado; que cada um pode orar em casa e a qualquer hora, enquanto os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugar de refúgio.

(T4.12) O bom senso de Allan Kardec responde a essas múltiplas

interrogações e vê, no culto e nos monumentos religiosos, coisas tão necessárias quanto — e talvez até mais do que — hospitais ou jardins públicos. Ele admite muito bem que os materialistas teimam em tais pensamentos, mas não pode admitir que os espíritas façam o mesmo. As massas — diz ele — carecem de um estimulante, e até mesmo os mais instruídos, os melhores, não o podem dispensar. Pois quem é o homem que pode se dizer que nada está acima dele e que seu dever não seja se curvar e adorar o poder superior que, no final das contas, domina e governa todo o universo?!

RE 1868 DEZ (p. 489)

(...) mas não é assim com as massas, por lhes faltar um estimulante, sem o qual poderiam se deixar levar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos seus interesses futuros?

(T4.13) Está demonstrado, portanto, senão que o espiritismo é uma religião, pelo menos que ele não tem por objeto destruir o que as religiões representam de verdades eternas indiscutíveis.

Mas, ele é uma religião? Não, não pode ser e jamais teve a pretensão de ser uma religião. É, nestes tempos modernos, a terceira e derradeira manifestação de um espírito de verdade, anunciado e prometido por Cristo, e que, nas religiões, mesmo projetando sua luz, ilumina a todos eles e, afastando as trevas e afugentando os exploradores, reveste a todos do caráter que é a sua característica e quer que todos contribuam para o desenvolvimento das faculdades do nosso ser espiritual e para uma vida perfeita, cujo último estágio é a conquista de uma plenitude de seres que faz com que cada um de nós se sinta vivo em tudo o que seja.

RE 1868 DEZ (p. 491)

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

(T4.14) O espiritismo não pode ser nem católico, nem protestante, nem judeu e nem mulçumano. Ele é e deve permanecer o vínculo entre todas as crenças e ser a religião, não uma religião.

RE 1868 DEZ (p.495)

(...) eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus.

(T4.15) Há, entretanto, no meio de todas as religiões que compartilham o mundo dos crentes, algumas religiões que mais se aproximam daquilo que o espiritismo tem por missão fazer valer e triunfar.

(T4.16) Assim, a prova da nossa imortalidade, da certeza de uma intensa vida além-túmulo, a demonstração científica da existência de Deus, a eficácia da prece e especialmente a prece pela reparação das falhas cometidas na terra, que é benéfica tanto para as almas dos mortos quanto para as almas dos vivos, a comunhão dos santos — isto é, a prova de que quanto mais a alma humana carrega no outro mundo boas ação, mais ela é apta a servir aos nossos interesses espirituais tornando-se, pela vontade de Deus, nosso próprio anjo guardião, nosso protetor invisível, tanto do ponto de vista das necessidades do indivíduo quanto daquelas das cidades, como se acreditava na Antiguidade e como ainda acreditam os povos que não perderam a chave dos mistérios e do caminho que leva ao santuário onde os espíritos puros se refugiaram.

(T4.17) Eu vos agradeço, enfim, meu caro Paul Leymarie, por me

lembrar de todas essas ideias pela publicação das anotações manuscritas do nosso venerável mestre Allan Kardec. Penso que os espíritas da minha geração devem ter se regozijado, como eu, por ver o mestre sair da tumba para lembrá-los qual tinha sido sua concepção religiosa do espiritismo e como era importante continuar a compreendê-la.

(T4.18) Crede-me vosso irmão e amigo, e lembrai-vos que, entre os espíritas, sou um daqueles que não cessaram — malgrado os ataques dos quais eles nunca deixaram de ser objeto — de confessar que existe um Deus, que este Deus é pessoal, que ele está vivo, que nos ouve e nos vê, que nos perdoa as faltas mais do que merecemos; que somos imortais, que vivemos e reviveremos, que a vida atual prepara a vida futura, e que o reino de Deus realizar-se-á na terra como no céu, e que este reino será para sempre o reino da justiça, do amor e da verdade.

(T4.19) Eis toda a revelação espírita; ninguém deve procurar outra coisa no Espiritismo.

P. VERDAD-LESSARD

Luís Jorge Lira Neto

O perfil religioso de Kardec

Por **Carlos Luiz**



Hypolite-Léon Denizard Rivail (1804-1869) viveu em uma época em que se associava ciência à alta cultura e ao ateísmo. Vivia-se o ponto culminante da ilusão de que uma ciência materialista seria capaz de resolver todos os problemas sociais e dar todas as respostas às angústias existenciais. Grande parte dos gênios da época faliram em superar esse equívoco. Mas, o professor Rivail — que muitos no movimento espírita imaginaram ser mais um cientista e pensador do limitado do século XIX — era diferente.

Por não conhecer a grandeza espiritual deste missionário, espíritas e não espíritas fantasiaram um "Kardec" segundo às modas intelectuais do século XIX, mas é o próprio método espírita de avaliar a evolução de um indivíduo encarnado que nos auxilia a entender quem foi Allan Kardec antes do Espiritismo.

Em *O Livro dos Espíritos*, no item 'Escala Espírita', aprendemos que o critério objetivo para se medir a evolução espiritual de um indivíduo encarnado é sua capacidade em superar a influência da matéria — o que significa tanto as paixões inferiores como as influências culturais inferiores que caracterizam a Terra. Apesar do desconhecimento de muitos, Kardec é um gigante do ponto de vista espiritual; ele não se desviou das verdades cristãs, ainda que vivendo em um meio materializado e intelectualmente confuso e debochado. O que as recentes descobertas históricas sobre o Codificador mostram é o perfil de um indivíduo que foi capaz de perceber, mesmo antes do Espiritismo, as profundas limitações das ciências materialistas, as depravações sociais que se originam do ateísmo (positivista e marxista, por exemplo) como do relativismo (sofístico e kantiano) e a necessidade da compreensão e da vivência da moral do Cristo para construção de um mundo melhor e para a condução de uma vida digna.

É preciso meditar sobre esse missionário, pois chegamos ao ponto de — levemente — afirmar que Rivail, antes de conhecer as manifestações das mesas girantes, era um ateu. O que prova que não apenas não conhecemos a personalidade de Kardec como também desconhecemos os princípios básicos do Espiritismo, pois segundo *O Livro dos Espíritos* é o orgulho que gera a incredulidade.

O homem orgulhoso nada admite acima de si, e é por isso que se considera um espírito forte. Atribuir orgulho ao Codificador do Espiritismo no mundo — ao missionário que vem realizar a

promessa do Cristo conforme o Evangelho de João — é desrespeito e leviandade, pois como consta em *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, “o que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é de início a revolta contra Deus pela recusa em reconhecer qualquer poder superior à humanidade.”

Não nos parece sensato pensar que Deus enviaria ao mundo um Espírito atrasado para nos ensinar e desenvolver as verdades antes pregadas por Jesus. Portanto, ao revelar as convicções religiosas do professor Rivail, a pesquisa histórica faz justiça às insinuações caluniosas feita contra o Codificador.

UM CASAL RELIGIOSO: RIVAIL E AMÉLIE BOUDET

Em 1844, treze anos antes dos estudos espíritas de Kardec, Amélie Boudet, em um discurso dirigido a jovens, fala da importância do amor filial da seguinte forma: “Foi o próprio Deus que o gravou no coração do homem e o inscreveu nos seus mandamentos, de modo que falhar neles seria ofender a Deus e violar os seus santos preceitos”.¹⁹

Em 1849, por sua vez, professor Rivail, ao dirigir-se a crianças, fala sobre a importância da benevolência nos seguintes termos: “A benevolência, aliás, é-nos demandada pela caridade cristã, e ela não lhes faltará se sempre seguirem os conselhos e os exemplos dos dignos eclesiásticos que lhes mostram, com tanta bondade e paciência, o caminho da perfeição evangélica”.²⁰

Será que o Espiritismo teria tornado o professor Rivail menos religioso? As provas abundantes — originadas tanto dos escritos

¹⁹ Ver em <https://projetoKardec.ufjf.br/item-pt?id=107>.

²⁰ Ver em <https://projetoKardec.ufjf.br/item-pt?id=109>.

públicos quanto da correspondência privada do Codificador — revelam que não. Vamos examinar a primeira obra publicada por Kardec para melhor compreender sua posição em relação ao Cristo, limitando-nos, nesse momento, a *O Livro dos Espíritos*, e depois examinaremos trechos da correspondência íntima do Codificador, além de escritos de uso exclusivamente pessoal.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Na introdução, Kardec afirma que:

“A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: ‘Fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam’, ou seja, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta, mesmo para as menores ações.”

Nos Prolegômenos, assim se expressam os Espíritos da codificação:

“A vaidade de certos homens, que creem saber tudo e tudo querem explicar à sua maneira, dará origem a opiniões dissidentes; mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno que envolverá o mundo inteiro; deixarão de lado as mesquinhas disputas de palavras para somente se ocuparem das coisas essenciais. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem as comunicações dos Espíritos superiores.”

Na primeira parte, no item 59, assim se exprime Kardec:

“As ideias religiosas, longe de perder, se engrandecem, ao marchar com a Ciência; esse o único meio de não apresentarem ao ceticismo um elo vulnerável.”

Na segunda parte, declara Kardec, nas ‘Considerações sobre a

pluralidade das existências’:

“O ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é eminentemente cristão: ele se apoia na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, no livre arbítrio do homem, na moral do Cristo, e, portanto, não é antirreligioso.”

Ao responder à questão 495, São Luis e Santo Agostinho afirmam:

“Homens instruídos, instrui; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não sabeis que obra assim realizais: é a do Cristo, a que Deus vos impõe.”

Na terceira parte, ao serem perguntados qual seria o mais elevado modelo enviado por Deus ao mundo, os Espíritos da Codificação são unânimes: **“Jesus”**.

Na quarta parte, ao responder à questão 930, explicam os Espíritos:

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome.”

Na questão 1009, uma mensagem do apóstolo Paulo indica o objetivo da Criação:

“(…) objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo e do bem idealizados pelo arquétipo humano, pelo homem-deus, por Jesus Cristo.”

No último parágrafo de *O Livro dos Espíritos* escreve Santo Agostinho:

“Durante muito tempo os homens se estraçalharam e se anatematizaram em nome de um Deus de paz e de misericórdia, ofendendo-o com um tal sacrilégio. O Espiritismo é o laço que os unirá um dia porque lhes mostrará onde está a verdade e onde está o erro. Mas ainda por muito tempo haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo.

Hoje vemos um curioso fenômeno de negação, espíritas que negam o Cristo e conseqüentemente, a essência do Espiritismo.

Além destas citações que, certamente, chocaram os positivistas, kantianos e marxistas da época de Kardec, bem como, chocam os atuais, muitas outras referências são feitas a Jesus em *O Livro dos Espíritos*, tanto por Kardec como pelos Espíritos, tais como:

“A menos que a essas pessoas se apliquem estas palavras de Jesus: Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.”

“Jesus não disse: Quem se humilhar será exaltado, e quem se exaltar será humilhado?”

“Eis por que Jesus vos faz dizer na oração dominical: Senhor não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal!”

“Jesus vos disse: vede o que quereríeis que vos fizessem ou não: tudo se resume nisso. Assim não vos enganareis.”

“Jesus já o disse, a propósito do óbolo da viúva...”

“Jesus orava pelas ovelhas transviadas. Com isso vos mostrava que sereis culpados se nada fizerdes pelos que mais necessitam.”

764. Jesus disse: “Quem matar pela espada perecerá pela espada”. Essas palavras não representam a consagração da pena de talião? E a morte imposta ao assassino não é a aplicação dessa pena?

— “Tornai tento! Estais equivocados quanto a estas palavras, como sobre muitas outras. A pena de talião é a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Todos vós sofreis a cada instante essa pena, porque saís punidos naquilo em que peçais, nesta vida ou noutra. Aquele que fez sofrer o seu semelhante estará numa situação em que sofrerá o mesmo. É este o sentido das palavras de Jesus. Pois não vos disse também: ‘Perdoai aos vossos inimigos’? E não vos ensinou a pedir a Deus que perdoe as vossas ofensas da maneira que perdoastes, ou seja, na mesma proporção em que houverdes perdoado? Compreendei bem isso.”

“Foi por isso que Jesus disse: Em verdade vos digo, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.”

“(…) mas ensinai, a exemplo de Jesus, pela doçura e a persuasão, e não pela força, o que seria pior que a crença daquele a quem

desejásseis convencer.”

“É isso que Jesus ensina na sublime forma da oração dominical, quando nos manda dizer: Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.”

“O verdadeiro justo, a exemplo de Jesus; porque praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.”

882. O homem tem o direito de defender aquilo que ajuntou pelo trabalho?

-- “Deus não disse: ‘Não roubarás’? E Jesus: ‘Dai a César o que é de César’? Aquilo que o homem ajunta por um trabalho honesto é uma propriedade legítima, que ele tem o direito de defender. Porque a propriedade que é fruto do trabalho constitui um direito natural, tão sagrado como o de trabalho e viver.”

“Qual é o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entende Jesus?”

“Tal é o sentido das palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros, como irmãos.”

887. “Jesus ensinou ainda: Amai aos vossos inimigos”.

“O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do desgraçado sem esperar que ele lhe estenda a mão.”

“Jesus disse: ‘Que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita’, Com isso ele vos ensina a não manchar a caridade pelo orgulho.”

“Em uma palavra, fazei de maneira que não vos possam aplicar aquelas palavras de Jesus: Vedes um argueiro no olho do vizinho e não vedes uma trave no vosso.”

“(…) a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar senão dos benefícios, porque sabe que lhe será perdoado assim como tiver perdoado.”

“Lembra-vos das palavras de Jesus: Bem-aventurados os que sofrem porque serão consolados.”

“Pensai que o próprio Jesus, quando na Terra, foi injuriado e desprezado, tratado de patife e impostor, e não vos admireis de que o mesmo vos aconteça.”

“Não, o Espiritismo não encerra uma moral diferente daquela de Jesus...”

“Somente os bons, humanos e benevolentes para com todos são os seus preferidos, como são também os preferidos de Jesus, porque seguem a rota indicada para levar a Ele.”

“Aquele que se vangloria de adorar o Cristo mas que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e implacável para com os outros ou ambicioso de bens mundanos, eu vos declaro que só tem a religião nos lábios e não no coração.”

“O Cristo disse aos homens: amai-vos uns aos outros.”

“Quando, nos sofrimentos voluntários a que se sujeita, o homem não tem em vista senão a si mesmo, trata-se de egoísmo; quando alguém sofre pelos outros, pratica a caridade: são esses os preceitos de Cristo.”

“Desejaríeis milagres, mas Deus os semeia a mancheias nos vossos passos e tendes ainda os homens que os negam. O Cristo, ele próprio, convenceu os seus contemporâneos com os prodígios que realizou?”

“O Cristo vos disse: Querer para os outros o que quereis para vós mesmos.”

“(…) se recorda destas palavras do Cristo; Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.”

1.018. Em que sentido se devem entender as palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?

— “O Cristo respondeu em sentido figurado. Queria dizer que não reina senão sobre os corações puros e desinteressados.”

A quantidade de temas em que os Espíritos respondem citando diretamente o Cristo, por si só, o torna a figura central do Espiritismo, bem como, o Novo Testamento um livro indispensável para os estudiosos espíritas. Tudo isso mostra a coerência com o propósito central do Espiritismo, que foi sabiamente expresso por Léon Denis, continuador de Kardec:

“Chegaremos, assim, à conclusão de que **essa doutrina [a doutrina espírita] é simplesmente a volta ao Cristianismo primitivo**, sob mais precisas formas, com um imponente cortejo de provas experimentais, que tornará impossível todo monopólio, toda reincidência nas causas que desnaturaram o pensamento de Jesus. (*Cristianismo e Espiritismo*, p. 33, grifamos)

ESCRITOS PESSOAIS DE ALLAN KARDEC

Allan Kardec sempre manteve um estilo sóbrio, claro e objetivo em seus textos. O uso de adjetivos era sempre limitado e, por isso, significativo. Atinha-se ao conteúdo e as ideais centrais e apenas quando importante adjetivava suas expressões. Em nossa pesquisa no **Projeto Allan Kardec**, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que reúne uma coletânea única de escritos do Mestre com cerca de 120 manuscritos, localizamos apenas 04 qualificações do Codificador em relação à doutrina e à causa espírita.²¹ São poucas os adjetivos, mas reveladores.

Em carta ao sr. Philippe, datada de 1863, comenta Kardec: “É para mim uma felicidade ver a **santa** Doutrina Espírita penetrar na classe dos trabalhadores que mais do que outras, precisa das consolações que o Espiritismo proporciona.”

Ao Senhor Rousset, em 1863, escreve: “(...) estou feliz por ver que o seu devotamento à nossa **santa** causa não falhou.”

Ao senhor Senhor Dijoud, também em 1863, diz: “Minhas simpatias, como o senhor sabe, pertencerão sempre aos espíritas sinceros e dedicados que põem em prática os princípios de nossa **santa** doutrina sem segundas intenções.”

Em 1867, em discurso aos espíritas afirma: “(...) nesta reunião de família, destinada a estreitar os laços fraternais por uma **santa** comunhão de pensamento...”

Por que tudo isso é muito revelador? Kardec vivendo em uma época na qual a religião e o vocabulário religioso passaram a ser desprezados e que as modas acadêmicas impunham uma forma 'científica' de se expressar, o estudioso da língua francesa, Allan Kardec, optou por valorizar o que os intelectuais desprezavam:

²¹ Portal do Projeto Allan Kardec: <https://projetoKardec.ufjf.br>.

palavras vinculadas ao campo de significado religioso e cristão.

Ao examinar as preces pessoais de Kardec, ficamos impactados com a devoção desse Espírito e podemos constatar que o sentimento religioso de Kardec é uma das características mais marcantes de sua personalidade. Três preces escrita à mão por Allan Kardec não apenas emocionam, mas revelam um grande Espírito, portador de humildade verdadeira, disposto a se submeter sem exigências à vontade de Deus. Apresentaremos preces elaboradas em 1857, 1860 e 1866:

Prece de 1857

Senhor Deus Todo-Poderoso,

(...)

Venho vos pedir, Senhor, que me concedais uma graça a mais, a de poder completar minha obra, colocando-me em condições de executar o plano que concebi, se o julgais útil. Se eu peço ter os meios para realizá-la por mim mesmo, não é para dela me glorificar nem para usá-la em meu proveito, mas para conduzir os meios de execução, em vista de uma maior unidade de princípios, e de estar mais livre para agir, do que se estivesse à mercê de pessoas estranhas, que talvez teriam ideias em desacordo com as minhas. O que vos peço, Senhor, é poder fazer mais do que fiz até hoje, e que não posso fazer na minha condição. Eu gostaria que esses meios de execução fossem fruto do meu trabalho; eu os consagraria de todo o meu coração à obra que empreendi, mas neste estado de coisas é-me impossível pensar em produzir esses recursos, entregando-me a um empreendimento qualquer, que, ademais, seria em prejuízo dos meus trabalhos, e que nem minha idade, nem meus hábitos permitiriam. Esses meios, portanto, só podem vir de Vós, Senhor, e pelas vias que convier à vossa divina Providência...

Prece de 1860

4 de dezembro de 1860.

Senhor Deus Todo-Poderoso,

Vós conduzistes até aqui, pelo intermédio dos bons Espíritos, vossos mensageiros, com uma suprema sabedoria, a marcha do Espiritismo, e eu vos agradeço haverdes vos dignado a me escolher

como um de vossos instrumentos sobre a Terra. Dai-me, eu vos peço, a força física e moral para realizar minha tarefa. Os testemunhos de satisfação que recebo de fora e a certeza de haver realizado algum bem são para mim uma recompensa que eu vos agradeço; mas essa alegria é temperada, em parte, pelos sentimentos de inveja e de malevolência que se agitam ao meu redor. Senhor, perdoai essas almas perdidas e fazei-as entender a voz da razão, a fim de trazer a elas pensamentos mais dignos do Espiritismo.

Quanto a mim, confio em vossa soberana decisão; mas se me é permitido formular um desejo, eu vos pediria, Senhor, os meios de me libertar de qualquer dependência, delas e sobretudo da sociedade. Visto que a autoridade moral não é suficiente, dai-me, eu vos peço, algum recurso material, a fim de fechar, se é possível, a boca das más línguas. Se vós me concederdes esses meios, não temais que eu deles abuse, pois sempre os usarei segundo os conselhos de bons Espíritos que me assistem.

A prece que segue, talvez, seja o mais valioso dos documentos já publicados, dos escritos de Kardec. Apresentamo-la na íntegra.

2 de dezembro de 1866.

Senhor Deus Todo-Poderoso,

Quanto mais medito sobre o objetivo final do espiritista²², que é sua constituição em religião, mais eu sinto minhas ideias se aclararem e o plano se delinear, sem dúvida graças à assistência de vossos mensageiros; porém, mais também eu sinto quanto esse trabalho exige calma e meditações sérias.

Se me julgais digno, Senhor, de uma tal tarefa, fazei, peço-vos, que eu possa ter a tranquilidade necessária. Se as circunstâncias me obrigarem a me expatriar, peço que os bons Espíritos preparem os caminhos para que eu possa, em meu retiro, dedicar-me sem problemas a esses trabalhos. Dai-me sobretudo saúde, assim como a Amélie.

Quanto ao local do retiro, tenho em vista Locarno, que me parece

²² Colocamos aqui o termo adjetivado “espiritista” exatamente em correspondência ao que consta no manuscrito, em francês (“spiritiste”), mas considerando a possibilidade de Kardec ter se equivocado, sendo o termo mais sugestivo — pelo contexto do manuscrito — o substantivo “espiritismo” (“spiritisme”) — Nota do Editor.

reunir as melhores condições; sobre isso, porém, seguirei os conselhos dos Bons Espíritos. Parece-me útil, antes de partir, ter feito o volume da *Gênese*.

Peço aos Bons Espíritos que me assistam e me deem o tempo e as forças que me são indispensáveis.

Fica a questão: é o Espiritismo uma religião? Muito discussão tem surgido sobre esse ponto, mas a verdade é que o Espiritismo pode ou ser uma religião a depender do conceito que se tem sobre religião, pois tanto na sociologia como a antropologia existem variadas conceituações. Porém, algo é inegável, o Espiritismo é cristão, toda sua moral e toda sua visão de mundo são um desenvolvimento do cristianismo.

Lembramos o que o codificador escreveu em sua última obra *A Gênese*, de 1868, Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e aí está a prova de sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

Acrescentamos nós: a missão de Kardec também foi divina, e, apesar dos espíritas ainda não a compreenderem, a Nova Geração a reconhecerá, pois, após aclarar suas ideias por meio de estudos e meditações sérias, ela saberá separar os preconceitos kantianos, marxistas e positivistas que tanto influenciam a atual cultura espírita do Espiritismo de Allan Kardec e Léon Denis, doutrina essa que é o Consolador prometido por Jesus Cristo.

Carlos Luiz

